

Oficinas de análise de documentos: textos para serem analisados em sala

Unidade 1 - História e Memória: em torno da relação passado/presente

Marcel Proust. **No caminho de Swann** [excerto].

*"No caminho de Swann" é o primeiro volume da obra intitulada **Em busca do tempo perdido**, de Marcel Proust (1871-1922), publicada originalmente em francês entre os anos de 1913 e 1927.*

"Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas em algum ser inferior, em um animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco.

É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca.

Muitos anos fazia que, de Combray, tudo quanto não fosse o teatro e o drama do meu deitar não mais existia para mim, quando, por um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole que me traz um pouco menos que o primeiro. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim. A bebida a despertou, mas não a conhece, e só o que pode fazer é repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero tornar a solicitar-lhe daqui a um instante e encontrar intato a minha disposição, para um esclarecimento decisivo. Deponho a taça e volto-me para meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar: criar. Está diante de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar em sua luz.

E recomeço a me perguntar qual poderia se esse estado desconhecido, que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência de sua felicidade, de sua realidade ante a qual as outras se desvaneciam. Quero tentar fazê-lo reaparecer. Retrocedo pelo pensamento ao instante em que tomei a primeira colherada de chá. Encontro o mesmo estado, sem nenhuma luz nova. Peço a meu espírito um esforço mais, que me traga outra vez a sensação fugitiva. E para que nada quebre o impulso com que ele vai procurar captá-la, afasto todo obstáculo, toda idéia estranha, abrigo meus ouvidos e minha atenção contra os rumores da peça vizinha. Mas sentindo que meu espírito se fatiga sem resultado, forço-o, pelo contrário, a aceitar essa distração que eu lhe recusava, a pensar em outra coisa, a refazer-se antes de uma tentativa suprema. Depois, por segunda vez, faço o vácuo diante dele, torno a apresentar-lhe o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremeecer em mim qualquer coisa que teriam desancorado, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumo das distâncias atravessadas.

Por certo, o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. Mas debate-se demasiado longe, demasiado confusamente; mal e mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o ininteligível turbilhão das cores agitadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao último intérprete possível, que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro, o sabor, pedir-lhe que me indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata.

Chegará até a superfície de minha clara consciência essa recordação, esse instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, remover, levantar no mais profundo de mim mesmo? Não sei. Agora não sinto mais nada, parou, tornou a descer talvez; quem saber se jamais voltará a subir do fundo de sua noite? Dez vezes tenho de recomeçar, inclinar-me em sua busca. E, de cada vez, a covardia que nos afasta de todo trabalho difícil, de toda obra importante, aconselhou-me a deixar daquilo, a tomar meu chá pensando simplesmente em meus cuidados de hoje, em meus desejos de amanhã, que se deixam ruminar sem esforço.

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. O simples fato de ver a madalena não me havia evocado coisa alguma antes de que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas — e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob sua plissagem severa e devota — se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência. Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos da mesma (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá."

Fonte: PROUST, Marcel. **No caminho de Swann.** Trad. Mario Quintana; revisão de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p.48-51 (Em busca do tempo perdido, v.1).

LEMBRAR AOS SETENTA ANOS:

lembranças de velhos que viveram na São Paulo das primeiras décadas do século XX

Sr. Amadeu:

"Nasci no Brás, rua Carlos Garcia, 26, no dia 30 de novembro de 1906. Meus pais vieram da Itália: meu pai era toscano e minha mãe era vêneta. Meu pai era alfaiate e minha mãe costureira. Vieram no

tempo da emigração mas não eram emigrantes, vieram para tentar a vida aqui no Brasil, já casados na Itália.

O primeiro filho nasceu aqui em São Paulo e faleceu com meses de vida. Veio o segundo filho, Alfredo Bovi, e mais cinco filhos: Atílio, Artur, Anita, Alda e Amadeu Bovi, seis filhos. Fui o caçula. Minha mãe morou cinquenta anos na casa onde nasci, na rua Carlos Garcia. Essa rua Carlos Garcia é nas imediações do comércio de cereais, no Brás, perto da Santa Rosa, Benjamin de Oliveira, Cantareira...

Meu pai, quando chegou em São Paulo, já tinha profissão e foi trabalhar como alfaiate. Naquele tempo o dinheiro era pouco e a roupa barata; o artesão ganhava muito pouco. Naquele tempo os homens usavam o terno completo: meu pai fazia o paletó e o colete, minha mãe fazia a calça. Meu pai trabalhava catorze, quinze horas por dia; faleceu em 1925 de uma úlcera no estômago. [...]

Quando eu tinha oito anos veio a guerra, que começou no 14 e terminou no 18. Com a guerra veio muita miséria, nós passamos muito mal aqui em São Paulo. Lembro, na rua Américo Brasiliense, da Companhia Mecânica Importadora, que ajudou muitos desses que não tinham possibilidades de aquisição: um porque o pai foi pra guerra, outros porque tinham dificuldade de encontrar trabalho. Na hora do almoço e na hora da janta ela dava uma sopa para famílias do Brás, da Móoca, do Pari, da classe menos favorecida pela sorte. Com meus dez, onze anos, a miséria era muito grande aqui em São Paulo. Meus irmãos e eu íamos com um caldeirão e eles enchiam o caldeirão de sopa e davam um pão. Em 1917, no finalzinho da guerra, veio uma miséria extrema.

Lembro muito da gripe espanhola porque fiquei bem ruim. Todos, menos o Alfredo, pegaram a gripe na minha casa. Foi dado esse nome porque nesse tempo vinham muitos espanhóis para cá e logo depois veio a gripe. Era tanta gente que morria que não havia possibilidade de atender a todos. Quem tinha caminhão se prontificava a carregar os mortos até o lugar indicado pela Santa Casa. São Paulo não tinha o preparo de hoje, não tinha injeções. Foi uma gripe tão agressiva que já não davam conta de fazer remédios. Só limão. Numa certa hora acabaram também os limões em São Paulo. Eu comia muito pouco, só tomava água com limão. Eu cheguei a ver meu caixão. O médico disse que a gripe tinha três tempos: fraco, forte, mata. Eu tinha pegado a forte. 'Precisa tomar um pouco de ar', e me puseram numa cama perto da janela, onde eu ficava o dia todo, olhando a rua e tomando ar. Foi então que vi passar no céu uma calécia. Era um carro bonito com seis ou oito cavalos, todos brancos. Vi como se fosse uma coisa natural. Virei para minha mãe e disse: 'Olhem que carro de morto bonito está passando no céu com seis cavalos!'. Então uma vizinha que estava lá me deu uma bofetada, e chamaram o médico. Me lembro, como se fosse hoje, da calécia. Tinha doze anos e estava perto da morte."

Sr. Ariosto:

"Nasci na avenida Paulista, em 1900, numa travessa chamada Antônio Carlos, dia 20 de setembro. Meus pais vieram para cá como imigrantes, deixaram sua família na Europa. Da hospedaria de imigrantes eles já eram tratados para uma fazenda no estado de São Paulo e para lá meu pai foi.

Naquela época não tinha maquinaria, meu pai trabalhava na enxada. Meu pai era de Módena, minha mãe era de Carpi e ficaram muito tempo na roça. Depois a família veio morar nessa travessa da avenida Paulista; agora está tudo mudado, já não entendo nada dessas ruas.

Meu pai era mestre de caligrafia, pintava quadros a aquarela e fazia retratos a bico-de-pena, que é uma arte difícil. Ele gostava muito de ler, por isso escolheu esses nomes para nós: Amleto, Telésforo, Ariosto... penso que ele tirou da literatura. Aqui no asilo não tem ninguém com esse nome de Ariosto, sou o único. Pode dizer que sou o Ariosto de *Orlando Furioso*. [...]

Na época da Grande Guerra todos tinham medo, compravam e guardavam mantimentos, armazenavam pão em casa. A mamãe também fazia cestas grandes de pão para durar muito tempo, mais de seis meses. Houve uma época em que os jornais diziam que o mundo ia acabar em fogo e revolução. As pessoas faziam festas, se embriagavam com vinho, muitos se jogavam do viaduto do Chá. Ouvi comentar, não vi com meus olhos ninguém se jogar. Isso foi antes da gripe espanhola. [...]

Em 1918 eu via gente andando e de repente caía, vi gente morrendo na rua. Era a gripe espanhola. Perto de casa, na Móoca, tinha o Rodovalho, que levava os mortos num carro dourado, com cocheiro e ajudante, cavalos bonitos; os músicos iam atrás tocando, a pé. Mas como não davam mais conta, começaram a jogar os mortos um por cima do outro, em carroças, caminhões. As pessoas caíam que nem moscas. Eu fui atingido, mas muito fraco, porque me aconselharam a chupar limão. Meus pais procuravam, estava tudo fechado, quando abria uma venda, uma quitanda, eles corriam. O limão de um tostão passou a quinhentos réis."

Sr. Abel:

"Eu nasci no largo da Sé onde ainda existe a Casa Baruel. Nasci em 27 de setembro de 1903. Quem me criou foi meu avô, filho do dr. Emílio Ribas, que foi o saneador. Meu avô, Roberto Duarte Ribas, foi o principal criador, fundador e acionista do Banco de Crédito Real do Estado de São Paulo; ele e o dr. Carlos de Campos e o dr. Antônio Rodrigues Lopes.

Meu pai dava muitas lições de humanidades no Rio de Janeiro. Era de saúde muito fraca e, vindo para São Paulo, sofreu uma hemoptise, teve um estouro no pulmão e morreu. Mamãe, nesse tempo, estava esperando a mim, que nasci sete dias depois da morte dele, no dia 27 de setembro, Libra. Minha mãe teve eclâmpsia e ficou dois anos sem me conhecer. Então, meu avô mandou alugar uma escrava, Maria Inácia, mandou examinar o sangue, o leite e viu que era extraordinariamente sã. Então eu passei a mamar, e eu tinha um irmão de leite, chamava-se Ormino. Eu mamava naquele seio preto. Com dois anos, eu já falava tudo, e dizia: 'Olha, eu quero o bim preto, quero o bim preto'. Ela baixava, me dava o peito, enquanto o irmão de leite ficava esperando. Eu mamava, mamava, mamava. Aí ela dizia: 'Você, Ormino'. E só então é que ele mamava. [...]

Da Primeira Guerra pouco me lembro, tinha só onze anos. Ouvia falar da crise, crise de dinheiro. Era no tempo do Kaiser alemão. [...]

Eu não apanhei a gripe de 18. Mamãe me mandou para São José dos Campos. Eu fugi da gripe. Fiquei sozinho num hospital de tuberculosos, o Instituto São Geraldo, que era do Jaime Ferreira, casado com minha prima. Até a empregada caiu de gripe; aprendi a fazer de tudo, até cozinhar.

A tuberculose não pega, tanto que comecei a namorar com uma tuberculosa, dava cada beijo nela e não peguei nada. Ela tinha sido casada com Fosco Candini, que era um cantor de operetas. E uma moça que sabia que ia morrer, me disse: 'Seu Abelzinho, eu sou tuberculosa, ninguém gosta de mim, mas eu gostaria de que alguém me desse um beijo.'. 'Então, venha cá'. E lhe dei um beijo de desentupir pia. Eu tinha quinze anos nesse tempo."

Dona Jovina:

"Nasci no final do século passado a 7 de agosto de 1897, em Ribeirão Preto, onde meu pai era engenheiro da Mogiana. Nasci quase asfixiada dentro de uma pelica: nasci empelicada e o povo diz que tem muita sorte quem nasce assim. Mamãe guardou essa pelica, que era uma pele seca, durante muitos anos, mas de tanto andar de um lado pro outro ela desapareceu.

Nossa casa era no largo Treze de Maio, com quatro janelas de frente: duas da sala de visita, duas do quarto de meus pais. Tinha mais dois quartos e a sala de jantar e a cozinha. O banheiro era no quintal. A casa era simples, modesta, meus pais eram de família pobre mas gostavam de bastante quintal; lá nós tínhamos uma cabra para dar leite. Essa casa foi derrubada muitos anos depois. [...]

Em 1903, papai fazia o saneamento de Santos e trouxe toda a família para São Paulo. Logo depois que nós saímos foi o episódio da febre amarela, epidemia tremenda em Ribeirão Preto, que fez morrer muita gente. Fomos morar na rua Maria Antônia, numa casa bem em frente à universidade, que era naquele tempo o sobrado dos Parada (família Rudge Parada), sobrado com água-furtada que ainda está lá. Na casa que foi a antiga universidade, os Parada, quando minha avó aparecia, faziam molecagem: punham a figura de um grande sapo na janela deles para arrelhar minha avó, na certa para dizer que ela se parecia com um sapo.

A rua Maria Antônia já estava toda construída, ainda vi casas desse tempo lá, tinha o Colégio Mackenzie na esquina. Depois mudamos para o outro lado da rua, numa casa com escada que dava acesso para a sala de visitas, porão alto mas não habitado. Nesta rua morava Cristóvão Buarque de Holanda, avô do Chico e pai do Sérgio Buarque de Holanda. No terreno ao lado do Mackenzie morava, numa casa de madeira, o Waller, carpinteiro, que fez as carteiras de todos os colégios de São Paulo, muitos anos. No fundo moravam os Correia, onde aprendi com d. Júlia a fazer crochê. Na rua Maria Antônia nasceram minhas irmãzinhas Brites e Clélia. Guiomar nasceu na casa da rua Barão de Tatuí, casa de esquina que tinha uma face para a alameda Barros. Quando mudamos para lá eu teria uns sete anos. Estavam abrindo a avenida Angélica, lá por 1905, 1906. Meu pai construiu a casa num terreno da baronesa Angélica, dona de tudo ali, que morava num castelo na esquina com alameda Barros. Suas terras iam até a rua das Palmeiras.

Nós atravessamos 1918 sem ninguém ter a gripe em casa. Rubião Meira deu uma entrevista para o jornal: 'Os nefríticos não resistiam à gripe'. Se mamãe pegasse a gripe não resistiria. Papai ficou desatinado de medo. Abriu o mapa do estado em cima da mesa para ver para onde se podia fugir; pensava num lugar. Mas a gripe já tinha chegado lá! Nos isolamos em casa. Diziam que quem comesse um dente de alho misturado na comida se salvava; comíamos todo almoço um dente de alho. Mamãe usava um patuá de alho na mão para cheirar. Uma senhora substituiu o colar de pérola por um colar de alhos. Na nossa rua, não morreu nenhum vizinho. Pouco distante de nós morreram dois rapazes fortes, dois latagões.

Meu irmão mais velho, que trabalhava na instalação da central telefônica do Brás, bairro de maior concentração populacional de São Paulo, via os corpos que ficavam por enterrar porque a família do morto tinha também caído doente. De dentro de casa víamos passar pela nossa rua até três coches fúnebres juntos.

Não me lembro do fim da Primeira Guerra, foi uma coisa sem grande repercussão, mas imagino que em casa, onde o ambiente era absolutamente francófilo, houve alegria.

Papai vivia desempregado, com a Grande Guerra não se encontrava trabalho. Foi seu ponto final como engenheiro. Nunca mais arranhou trabalho nenhum. Nós estávamos comendo do ganhado. Meu quarto era perto do dele e eu o ouvia dizer para minha mãe: 'Eu era capaz de pagar para que me deixassem trabalhar'. Disse uma vez: 'O céu tão azul e eu sem trabalho!' ".

Dona Brites, irmã de d. Jovina:

"Nasci na rua Maria Antônia, 51, dia 20 de setembro de 1903, às dez horas e cinco minutos. Sou paulista, paulistana dos campos de Piratininga. E sou garibaldina; dia 20 de setembro é o dia que Garibaldi unificou a Itália e os bondes de São Paulo se embandeiraram todos. Eu dizia para as minhas irmãs menores que era para festejar o meu aniversário. Sei que nasci num domingo de sol muito bonito. Meu irmão Mário tinha doze anos. Preciosa dez anos, o Caetano nove anos, a Vivina seis anos e o Francisco quatro anos. [...]

Tenho uma lembrança muito forte da guerra de 14 porque papai estava construindo a Estrada de Ferro Araraquara. Nessa ocasião parou, ele voltou para casa. Abriu em cima da mesa da sala de jantar um *Atlas de la Marche* (Pedro Nava fala nos livros dele nesse atlas francês muito bonito). Sobre o mapa da França nos descreveu toda a batalha de Verdun. Quando vinha notícia era por telégrafo; nós vivíamos mais de notícias forjadas no jornal que notícias de lá propriamente. Foi uma batalha que durou seis meses.

De manhã vinha *O Estado de S.Paulo*, que era lido com voracidade. À noite passava o jornaleiro, ali pelas nove horas, gritando: 'Estadinho, Estadinho, edição da noite'. Papai mandava correndo comprar *O Estado* e lia outra vez.

As opiniões se dividiram: papai tinha uma formação francesa, era pela França, pelos aliados. Meu irmão era germanófilo. Discutiram até o dia em que puseram a pique um navio brasileiro. Nesse dia o Chico subiu a escada furioso. Quando desceu não falou mais nada. Esse mais tarde foi para a Escola Militar.

Quando o Brasil entrou na guerra houve um desfile pela cidade. Nesse dia papai reuniu a família toda, tomamos um bonde com a bandeira brasileira no peito e fomos bater palma para os reservistas que passavam. Alguns foram pra guerra mas aquela tropa se formou para ficar aqui. Muito que foram não chegaram à Europa, quando o navio chegou em Dacar morreram de gripe. Foi a época da gripe. Aqui em São Paulo parou tudo. Dizem que a única pessoa que enriqueceu foi o Matarazzo. Ele vendia muita banha e nas latas de banha punha metade banha e metade água. É versão popular. Não havia emprego. Meu pai ficou em casa e um chefe de família que pára de trabalhar altera a vida da família. Quando se é criança não se sente porque continua-se a comer do mesmo jeito, a estudar do mesmo jeito. Naturalmente alterou a economia da casa, mas não chegou até nós.

Entrei para a Escola Normal da Praça em 1918, mas em outubro a escola fechou por causa da gripe. Em 1918 parou tudo aqui em São Paulo. Na nossa casa a única pessoa que saía para trabalhar era meu irmão mais velho, que estava construindo o centro telefônico do Brás. Um irmão era engenheiro formado, estava morando em Campinas, em Campinas ficou. Outro estava na Escola Militar, ficou no Rio de Janeiro na casa de nossa avó. A irmã mais velha, já casada, estava em Santos com o marido. Nós ficamos em casa só Jovina, eu, Clélia e Guiomar.

Mamãe era cardíaca e papai isolou mamãe. Disseram que o cardíaco que ficasse com gripe morria. Nós não botávamos o nariz fora de casa. Ele desinfetava a casa muito bem desinfetada com enxofre, diziam que era bom queimar enxofre. Comprava-se pó de enxofre na farmácia, não faltava brasa naquele tempo com fogão de lenha.

Nossa casa era caminho para os cemitérios do Araçá e da Consolação. Os enterros que vinham do Bom Retiro passavam pela Barão de Tatuí, depois subiam a Angélica. Os caixões eram simples, em carros puxados a burro, passavam em número impressionante.

Andávamos sempre com um dentinho de alho que mamãe deu para cada um de nós. Meu pai quando olhava para mamãe ficava com os olhos cheios de água de medo que ela morresse. Os irmãos que estavam fora tiveram a gripe, nós em casa não tivemos. Ele nos isolou completamente. Faltava carne, mas tinha bastante arroz, feijão, verdura, leite. Os dois filhos que estavam fora vieram para casa e meu pai ficou alegríssimo. Brincou-se muito, a guerra já tinha acabado. Eu já era aluna da Escola Normal, que estava fechada. Houve um baile no Trianon e quando veio a notícia do armistício parou-se o baile e cantou-se o Hino Nacional. Era o dia 11 de novembro. Jovina chegou em casa e foi acordar o papai pra contar; disse me lembro porque acordei e ouvi."

Fonte: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. p.124, 129-130, 154, 160, 163, 177, 189-191, 262, 266-267, 288-289, 296, 314-315.

Unidade 2 - História e Mito: em torno da questão da narrativa

O MITO DE LUA: colhido entre os Asurini do Rio Tocantins (Tupi)

"Lua transformava-se em homem e descia à terra para comer peixe. Em uma dessas vindas à terra, ele encontra um homem que pescava com timbó. Este homem oferece peixes à lua e convida-o para ir até a aldeia. Lá, oferece-lhe sua filha em casamento.

Lua casa-se com a moça. Na hora de dormir, Lua pede à esposa para que durmam separados, pois, como esclarece uma das versões, ele está com dor de cabeça causada pelo IPITIU [*cheiro forte e desagradável*] do peixe que ele havia comido cru. A moça, no entanto, recusa-se a dormir longe do marido e eles acabam deitando-se juntos. [...] Durante a noite, Lua come o coração de sua esposa, matando-a. O pai da moça vê muito sangue embaixo da rede de sua filha e se dá conta do acontecido. Lua então é punido. [...] Em algumas versões, o agente da vingança é o tatu (TATURARUA - [*ser sobrenatural*]). Ele flecha lua, que sangra. As mulheres e crianças são prevenidas no sentido de não saírem de dentro das casas. Elas desobedecem e, ao saírem, o sangue

de Lua cai do céu e penetra nelas. Assim, tem origem a menstruação (segundo algumas versões, é nesse momento também que as pessoas passam a ter sangue). As pessoas ficam muito bravas com o tatu por causa de sua atitude e tentam matá-lo, mas ele cava um buraco e consegue fugir. A partir daí, TATURARUA passa a morar dentro da terra.

Outra versão, que se inicia com o episódio do tatu flechando a lua, conta que, por esta flecha, subiram ao céu vários animais. Eles agarraram-se à flecha mas esta não agüentou o peso e, assim, metade dos animais caiu na terra. A outra metade, que conseguiu subir, está no céu e é desta caça que se alimentam os mortos."

Fonte: SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luís Donisete B. (org.). **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus. Brasília: MEC, MARI, Unesco, 1995. p.330.

O MITO DA COBRA UNURATO: colhido entre os Arapaço do rio Uaupés (Tukano)

"Esta cobra d'água [*sucuri*], Dia Pino, nosso avô, morava embaixo d'água, no córrego do outro lado do Loiro, em um lugar chamado Dia Wekuwi, a Casa da Capivara. Todo dia, quando o sol estava alto, ele nadava rio abaixo do Loiro até para cima de São Luís. Lá, ele ia até uma passagem: era um tipo de corredor para ele; para nós, era um córrego. Ele chegava na beira do rio e lá ele se transformava.

Nós somos os netos das Sucuris, somos os filhos da cobra Arapaço. Ele era o nosso avô. Unurato é o nosso irmão mais velho e o mais querido. Ele vai voltar para nós; nós o estamos esperando. [...]

Unurato entrou na água e lá ele cresceu muito, ficou muito grande. Logo ele não cabia mais na água, então ele desceu rio abaixo, para águas mais profundas. Primeiro, ele foi ao rio Negro, depois para o Amazonas. No Amazonas, ele encontrou peixes ainda maiores do que ele. Então, ele foi para Manaus. Ele chegou em Manaus à noite. Quando ele ia chegando na terra, ele se transformou, assumiu sua forma humana e passou a noite bebendo e dançando. De madrugada, ele voltou para a água e virou cobra de novo. [...]

Unurato foi para Brasília e lá ele trabalhou na construção de prédios grandes. Ele ficou conhecendo todo tipo de coisa: casas, móveis, táxis: coisas que nós não temos aqui. Ele andou no meio de muita gente.

No ano passado, as águas [do rio] subiram muito. Era o Unurato voltando. Ele nadou rio acima, Ele era um submarino enorme, mas como ele é uma cobra sobrenatural, ele passou pelas corredeiras. [...] O navio tem luz elétrica. Com as máquinas [trazidas no submarino], os espíritos-cobra (*wai masa*) estão construindo uma cidade muito grande embaixo da água. [...] Todos os tipos de *wai masa* [seres sub-aquáticos sobrenaturais] estão trabalhando nesse navio. Nós agora somos poucos, mas ele vai devolver a nossa prosperidade e aumentar a nossa gente."

Fonte: SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luís Donisete B. (org.). **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus. Brasília: MEC, MARI, Unesco, 1995. p.332.

ANTIGÜIDADE CLÁSSICA E MITOLOGIA: A ORIGEM DO UNIVERSO PARA OS GREGOS

"O que havia quando ainda não havia coisa alguma, quando não havia nada? A essa pergunta os gregos responderam com histórias e mitos.

No início de tudo, o que primeiro existiu foi Abismo: os gregos dizem *Kháos*. O que é o Caos? É um vazio, um vazio escuro onde não se distingue nada. Espaço de queda, vertigem e confusão, sem fim, sem fundo. Somos apanhados por esse Abismo como por uma boca imensa e aberta que tudo tragasse numa mesma noite indistinta. Portanto, na origem há apenas esse Caos, abismo cego, noturno, ilimitado.

Depois apareceu a Terra. Os gregos dizem *Gaia*, Gaia. Foi no próprio seio do Caos que surgiu a Terra. Portanto, nasceu depois de Caos e representa, em certos aspectos, seu contrário. A Terra não é mais esse espaço de queda escuro, ilimitado, indefinido. A Terra possui uma forma distinta, separada, precisa. À confusão e à tenebrosa indistinção de Caos opõem-se a nitidez, a firmeza e a estabilidade de Gaia. Na Terra tudo é desenhado, tudo é visível e sólido. É possível definir Gaia como o lugar onde os deuses, os homens e os bichos podem andar com segurança. Ela é o chão do mundo.

Nascido do vasto Abismo, o mundo agora tem um chão. De um lado, esse chão se eleva bem alto, na forma de montanhas; de outro, desce bem baixo, na forma de subterrâneo. Essa subterra se prolonga infinitamente, e assim, de certa forma, o que existe na base de Gaia, sob o solo firme e sólido, é sempre o Abismo, o Caos. A Terra, que surgiu do Abismo, liga-se a ele em suas profundezas. Esse Caos evoca para os gregos uma espécie de névoa opaca onde todas as fronteiras perdem nitidez. No mais profundo da Terra encontra-se esse aspecto caótico original.

Embora a Terra seja bem visível, tenha uma forma recortada, e tudo o que dela nasceu também terá limites e fronteiras distintas, nem por isso ela deixa de ser, em suas profundezas, semelhante ao Abismo. Ela é a Terra negra. Os adjetivos que a definem nos relatos são similares aos que se referem ao Abismo. A Terra negra se estende entre o baixo e o alto; entre, de um lado, a escuridão e o enraizamento no Abismo, representado em suas profundezas e, de outro, as montanhas encimadas de neve que ela projeta para o céu, montanhas luminosas cujos picos mais altos atingem a zona celeste continuamente inundada de luz.

A Terra constitui a base dessa morada que é o cosmo, mas não tem só essa função. Ela engendra e alimenta todas as coisas, salvo certas entidades das quais falaremos mais adiante e que saíram do Caos. Gaia é a mãe universal. Florestas, montanhas, grutas subterrâneas, ondas do mar, vasto céu, é sempre de Gaia, a Mãe-Terra, que eles nascem. Portanto, primeiro houve o Caos, imensa boca em forma de abismo escuro, sem limites, mas que num segundo tempo abriu-se para um chão sólido: a Terra. Esta se lança para o alto, desce às profundezas.

Depois de Caos e Terra aparece, em terceiro lugar, o que os gregos chamam de *Éros*, e que mais tarde chamarão "o velho Amor", representado nas imagens com cabelos brancos: é o Amor primordial. Por que esse Eros primordial? Porque, nesses tempos longínquos, ainda não há masculino e feminino, não há seres sexuais. O Eros primordial não é aquele que surgirá mais tarde, com a existência dos homens e das mulheres, dos machos e das fêmeas. Nesse momento, o problema será acasalar os sexos contrários, o que implica necessariamente o desejo de cada um e uma forma de consentimento.

Kháos é uma palavra neutra, e não masculina. *Gaia*, a Mãe-Terra, é evidentemente feminina. Mas quem ela pode amar fora de si mesma, já que está sozinha, ao lado de Caos? O *Éros* que aparece em terceiro lugar, depois de Caos e Gaia, não é aquele que preside aos amores sexuais. O primeiro Eros expressa um impulso no universo. Da mesma forma que Terra surgiu de Caos, de Terra vai brotar o que ela contém em suas profundezas. Terra vai parir sem precisar se unir a ninguém. Ela dá à luz o que nela existia de forma obscura.

Primeiro, Terra engendra um personagem muito importante, *Ouranós*, Céu, e até mesmo Céu estrelado. Depois, traz ao mundo *Póntos*, isto é, a água, todas as águas, e mais exatamente a Onda do Mar, palavra que em grego é masculina. Terra os concebe sem se unir a ninguém. Pela força íntima que tem, Terra desenvolve o que já estava dentro de si e que, ao sair dela, torna-se seu duplo e seu contrário. Por quê? Porque produz um Céu estrelado igual a si mesma, como uma réplica tão sólida, tão firme quanto ela, e do mesmo tamanho. Então, Urano se deita sobre ela. Terra e Céu constituem dois planos superpostos do universo, um chão e uma abóbada, um embaixo e um em cima, que se cobrem completamente.

Quando Terra dá à luz Ponto, Onda do Mar, este a completa e se insinua dentro dela, limitando-a na forma de vastas superfícies líquidas. Assim como Urano, Onda do Mar representa o contrário de Terra. Se a Terra é sólida, compacta, e se as coisas não podem se misturar com ela, Onda do Mar é, ao contrário, pura liquidez, fluidez disforme e inapreensível: suas águas se misturam, indistintas e confusas. Na superfície, Ponto é luminoso, mas em suas profundezas é de uma escuridão total, o que o vincula, tal como a Terra, a uma parte caótica.

Assim, o mundo se constrói a partir de três entidades primordiais: *Kháos*, *Gaia* e *Éros*, e, em seguida, de duas entidades paridas por Terra: *Ouranós* e *Póntos*. Elas são ao mesmo tempo forças naturais e divindades. Gaia é a terra onde andamos, e ao mesmo tempo é uma deusa. Ponto representa as ondas do mar e também constitui uma força divina, à qual pode se prestar um culto. A partir daí, surgem relatos de outro tipo, histórias violentas e dramáticas.

Começamos pelo Céu, isto é, Urano, gerado por Gaia e do mesmo tamanho que ela. Ele está deitado, estendido sobre quem o gerou. O Céu cobre completamente a Terra. Cada porção de terra é duplicada por um pedaço de céu que lhe corresponde perfeitamente. Quando Gaia, divindade poderosa, Mãe-Terra, produz Urano, que é seu correspondente exato, sua duplicação, seu duplo simétrico, nos encontramos em presença de um casal de contrários, de um macho e uma fêmea. Urano é o Céu, assim como Gaia é a Terra. Na presença de Urano, Amor age de outro modo. Nem Gaia nem Urano produzem sozinhos o que cada um tem dentro de si, mas da conjunção dessas duas forças nascem seres diferentes de uma e outra.

Urano está o tempo todo deitando-se sobre Gaia. Urano primordial não tem outra atividade além da sexual. Cobrir Gaia incessantemente, o mais possível: ele só pensa nisso, e só faz isso. Então, essa pobre Terra acaba grávida de uma série de filhos que não conseguem sair de seu ventre e aí continuam alojados, aí mesmo onde Urano os concebeu. Como Céu nunca se distancia da Terra, não há espaço entre eles que permita aos filhos Titãs virem à luz e terem uma existência autônoma. Estes não podem tomar a forma que é a deles, não podem se transformar em seres individualizados, pois não conseguem sair do ventre de Gaia, ali onde o próprio Urano esteve antes de nascer.

Quem são os filhos de Gaia e Urano? Primeiro, há os seis Titãs e suas seis irmãs, as Titânidas. O primeiro Titã chama-se *Okeanós*. É esse cinturão líquido que rodeia o universo e corre em círculo, de tal modo que o fim de Oceano é também seu começo; e o rio cósmico corre em circuito fechado sobre si mesmo. O mais jovem Titã tem o nome de *Krónos*, é o chamado "Crono dos pensamentos marotos". Além dos Titãs e das Titânidas, nascem dois trios de seres absolutamente monstruosos. O primeiro é o dos Ciclopes — Brontes, Estéropes e Argeus —, personagens muito poderosos que têm um só olho e cujos nomes são reveladores do tipo de metalurgia a que se dedicam: o ronco do trovão, o fulgor do relâmpago. Na verdade, eles é que vão fabricar o raio que será doado a Zeus. O segundo trio é formado pelos *Herathonkhîres*, ou Cem-Braços — Coto, Briareu e Gies. São seres monstruosos de tamanho gigantesco, que têm cinqüenta cabeças e cem braços, sendo cada braço dotado de uma força terrível.

Ao lado dos Titãs, esses primeiros deuses individualizados - ao contrário de Gaia, Urano ou Ponto, eles não são apenas um nome dado a forças naturais -, os Ciclopes representam a fulgurância da visão. Possuem um só olho no meio da testa, mas esse olho é fulminante, assim como a arma que vão oferecer a Zeus. Força mágica do olho. Por sua vez, os Cem-Braços representam, com sua força brutal, a capacidade de vencer, de triunfar pela força física do braço. Para uns, força de um olho fulminante; para outros, força da mão que é capaz de juntar, apertar, quebrar, vencer, dominar todas as criaturas no mundo. No entanto, Titãs, Cem-Braços e Ciclopes estão no ventre de Gaia; Urano está deitado sobre ela.

Ainda não há propriamente luz, pois Urano, ao se deitar sobre Gaia, mantém uma noite contínua. Então, Terra explode de raiva. Está furiosa por reter em seu seio esse filhos que, sem poderem sair, deixam-na inchada, comprimem-na, sufocam-na. Dirige-se a eles, em especial aos Titãs, dizendo-lhes: "Escutai, vosso pai nos faz injúria, nos submete a violências horríveis, isso tem de acabar. Deveis revoltar-vos contra vosso pai Céu." Ao ouvir essas palavras vigorosas, os Titãs, no ventre de Gaia, ficam aterrorizados. Urano, que continua instalado sobre a mãe deles, tão grande quanto ela, não lhes parece fácil de ser vencido. Só o caçula, Crono, aceita ajudar Gaia e enfrentar o pai.

Terra concebe um plano particularmente engenhoso. Para executá-lo, fabrica dentro de si mesma um instrumento, um tipo de foice, a *hárpe*, em metal branco. Depois, coloca essa foice na mão do jovem Crono. Ele está no ventre da mãe, ali onde Urano se uniu à terra, e fica à espreita, em emboscada. Quando Urano se deita sobre Gaia, ele agarra com a mão esquerda as partes sexuais do pai, segura-as firmemente e, com o facão que brande na mão direita, corta-as. Depois, sem se virar, para evitar a desgraça que seu gesto teria provocado, joga por cima do ombro o membro viril de Urano. Desse membro viril, cortado e jogado para trás, caem sobre a terra gotas de sangue, ao passo que o próprio sexo é atirado mais longe, nas ondas do mar. No momento em que é castrado, Urano dá um berro de

dor e se afasta depressa de Gaia. Vai então se instalar bem no alto do mundo, de onde não mais sairá. Como Urano tinha o mesmo tamanho de Gaia, não há um só lote de terra que não encontre lá em cima um pedaço equivalente de céu.

Ao castrar Urano, a conselho e graças à astúcia de sua mãe, Crono cumpre uma etapa fundamental no nascimento do cosmo. Separa o céu e a terra. Cria entre o céu e a terra um espaço livre: tudo o que a terra produzir, tudo o que os seres vivos engendrarem, terá espaço para respirar, para viver. Assim, o espaço se desbloqueia, mas o tempo também se transforma. Enquanto Urano pesava sobre Gaia, não havia gerações sucessivas, pois elas ficavam ocultas dentro da criatura que as produzira. Quando Urano se retira, os Titãs podem sair do colo materno e, por sua vez, darem à luz. Inicia-se então uma sucessão de gerações. O espaço se libera e o 'céu estrelado' tem agora o papel de um teto, de uma espécie de grande abóbada escura, estendida acima da terra. De vez em quando, esse céu preto vai se iluminar, pois agora o dia e a noite se alternam. Ora surge um céu preto tendo apenas luz das estrelas, ora, ao contrário, é um céu luminoso que aparece, tendo apenas a sombra das nuvens.

Deixemos por um instante a descendência de Terra e encontremos a de Caos. O Abismo produz dois filhos, um se chama *Érebo*, Érebo, o outro, *Nýx*, Noite. Como prolongamento direto de Caos, Érebo é o negro absoluto, a força do negro em estado puro, sem se misturar a nada. O caso de Noite é diferente. Assim como Gaia, ela também gera filhos sem se unir a ninguém, como se o fizesse em seu próprio tecido noturno: trata-se de *Aithér*, Éter, Luz Etérea, e de *Hemére*, Dia, Luz do Dia.

Érebo, filho do Caos, representa o negro próprio dessa criatura. Inversamente, Noite invoca o dia. Não há noite sem dia. Quando Noite produz Éter e Dia, o que faz ela? Assim como Érebo era o escuro em estado puro, Éter é a luminosidade em estado puro. Éter é a contrapartida de Érebo. O Éter brilhante é a parte do céu onde nunca há escuridão, ou seja, a que pertence aos deuses do Olimpo. O Éter é uma luz extraordinariamente viva que nunca é alterada por sombra alguma. Ao contrário, Noite e Dia se apóiam mutuamente, opondo-se. Desde que o espaço se abriu, Noite e Dia se sucedem regularmente. À entrada do Tártaro encontram-se as portas da Noite que se abrem para a sua morada. É ali que Noite e Dia se apresentam sucessivamente, se comunicam, se cruzam, sem jamais se juntarem nem se tocarem. Quando há noite não há dia, quando há dia não há noite, mas não há noite sem dia.

Assim como Érebo representa uma escuridão total e definitiva, Éter encarna a luminosidade absoluta. Todos os seres que vivem na terra são criaturas do dia e da noite; com exceção da morte, eles ignoram essa escuridão total que nenhum raio de sol jamais alcança e que é a noite do Érebo. Os homens, os bichos, as plantas vivem noite e dia nessa conjunção de opostos, ao passo que os deuses, bem no alto do céu, não conhecem a alternância do dia e da noite. Vivem numa luz profunda e permanente. No alto, temos os deuses celestes no Éter brilhante, embaixo, os deuses subterrâneos ou os que foram derrotados e enviados ao Tártaro, e que vivem numa noite constante; e depois, os mortais, neste mundo, que já é um mundo de mistura.

Voltemos a Urano. O que acontece quando ele se fixa no alto do mundo? Não se une mais a Gaia, a não ser durante as grandes chuvas fecundantes, quando o céu se solta e a terra dá à luz. Essa chuva benfazeja permite que nasçam na terra novas criaturas, novas plantas, cereais. Mas, fora esse período, está cortado o vínculo entre o céu e a terra.

Quando Urano se afastou de Gaia, lançou uma terrível imprecisão contra seus filhos: 'Ireis chamar-vos Titãs', disse-lhes, fazendo um trocadilho com o verbo *titaíno*, 'porque *estendestes* os braços alto demais, ireis expiar o crime de ter levantado a mão para vosso pai'. As gotas de sangue de seu membro viril mutilado que caíram no chão deram origem, algum tempo depois, às Erínias. São elas as forças primordiais cuja função essencial é guardar a recordação da afronta feita por um parente a outro, e de fazê-lo pagar, seja qual for o tempo necessário para isso. São as divindades da vingança pelos crimes cometidos contra os consangüíneos. As Erínias representam o ódio, a recordação, a memória do erro, e a exigência de que o crime seja castigado.

Do sangue da ferida de Urano nascem, junto com as Erínias, os Gigantes e as *Melíai*, ou Ninfas, dessas grandes árvores que são os freixos. Os Gigantes são essencialmente guerreiros, personificam a violência bélica: desconhecendo a infância e a velhice, são eles, a vida inteira, adultos na força da idade, dedicados à luta, com gosto pela batalha mortal. As Ninfas dos Freixos — as Melíadas —

também são guerreiras, e também têm vocação para o massacre, pois o bosque de lanças das quais se servem os guerreiros durante o combate é justamente o das árvores onde elas habitam. Assim sendo, das gotas do sangue de Urano nascem três tipos de personagens que encarnam a violência, o castigo, o combate, a guerra, o massacre. Um nome resume aos olhos dos gregos essa violência: é *Éris*, conflitos de todos os tipos e de todas as formas, ou discórdia dentro de uma mesma família, no caso das Eriníias.

O que acontece com o membro que Crono joga no mar, isto é, no *Póntos*? Não soçobra nas ondas marinhas, fica boiando, e a espuma do esperma se mistura com a espuma do mar. Dessa combinação espumosa em torno do sexo, que se desloca ao sabor das ondas, forma-se uma fantástica criatura: Afrodite, a deusa nascida do mar e da espuma. Ela navega por certo tempo e depois chega à sua ilha, Chipre. Caminha pela areia e, à medida que vai andando, as flores mais perfumadas e mais belas nascem sob seus pés. No rastro de Afrodite, seguindo seus passos, *Éros* e *Hímeros*, Amor e Desejo. Esse Eros não é o Eros primordial, mas um outro que, doravante, exige que haja o feminino e o masculino. Ocasionalmente se dirá que ele é filho de Afrodite. Assim, Eros muda de função. Não mais representa o papel exercido nos primórdios do cosmo, que era o de trazer à luz o que estava contido na escuridão das forças primordiais. Agora, seu papel é unir dois seres bastante individualizados, de sexos diferentes, num jogo erótico que supõe uma estratégia amorosa e tudo o que isso comporta de sedução, concordância, ciúme. Eros une dois seres distintos para que, a partir deles, nasça um terceiro, que não seja idêntico a um nem a outro de seus genitores, mas que prolongue a ambos. Assim, há agora uma criação que se diferencia da que houve na era primordial. Em outras palavras, ao cortar o sexo de seu pai, Crono instituiu duas forças que, para os gregos, são complementares: uma que se chama *Éris*, a Disputa, e outra que se chama *Éros*, o Amor.

Éris é o combate dentro de uma mesma família ou dentro de uma mesma humanidade, é a briga, a discórdia no que estava unido. Eros, ao contrário, é a concordância e a união do que é tão dissemelhante quanto possa ser o feminino do masculino. *Éris* e Eros são ambos produzidos pelo mesmo ato fundador que abriu o espaço, desbloqueou o tempo, permitiu que gerações sucessivas surgissem no palco do mundo, agora desimpedido.

Nessa altura, todos esses personagens divinos, com *Éris* de um lado, Eros de outro, vão se enfrentar e combater-se. Por que vão lutar? Menos para formar o universo, cujas bases já estão assentadas, e mais para designar o senhor desse universo. Quem será o soberano? Em vez de um relato cosmogônico que faz as perguntas: 'O que é o começo do mundo? Por que o Caos primeiro? Como foi fabricado tudo o que o universo contém?', surgem outras perguntas, a que outros relatos, muito mais dramáticos, tentam responder. De que modo os deuses, que foram criados e que por sua vez engendram, vão lutar e se dilacerar? Como vão se entender? Como os Titãs deverão expiar a falta que cometeram contra o pai Urano, como serão castigados? Quem vai garantir a estabilidade deste mundo construído a partir de um nada que era tudo, de uma noite da qual saiu até a luz, de um vazio do qual nascem o cheio e o sólido? Como o mundo vai se tornar estável, organizado, com seres individualizados? Ao se afastar, Urano abre caminho para uma série ininterrupta de gerações. Mas, se a cada geração os deuses lutarem entre si, o mundo não terá nenhuma estabilidade. A guerra dos deuses deve chegar ao fim para que a ordem do mundo seja definitivamente estabelecida. Levanta-se a cortina do palco onde serão travadas as lutas pela soberania divina."

Fonte: VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. 1ª reimpr. S.Paulo: Cia. das Letras, 2000. p.17-27.

HOMERO: **A Ilíada** (excerto: Livro I)

A Homero é atribuída a autoria da Ilíada e da Odisséia, dois dos maiores poemas épicos da Antigüidade grega, ao que tudo indica compostos no século VIII a.C. (mas tributários de uma tradição oral que talvez recue ao século XII a.C.).

"Canta, ó Musa, a ira de Aquiles, filho de Peleu, que incontáveis males trouxe às hostes dos aqueus. Muitas almas de heróis desceram à casa de Hades e seus corpos foram presa dos cães e das aves

de rapina, enquanto se fazia a vontade de Zeus, a partir do dia em que se desavieram o filho de Atreu, rei dos homens, e Aquiles, semelhante aos deuses.

Que deus provocou a desavença entre eles? O filho de Latona e de Zeus, que fora ofendido pelo Rei. Assim, ele mandou sobre o acampamento a peste cruel, e muita gente morreu. O Rei ofendera seu sacerdote, Crises, quando este chegara até os navios dos aqueus, levando consigo ricos presentes para resgatar sua filha. Empunhava um bastão de ouro, enfeitado com as guirlandas de Apolo, o arqueiro infalível, e dirigiu sua súplica a todos os aqueus, mas especialmente aos dois príncipes filhos de Atreu: 'Filhos de Atreu e vós, aqueus seus súditos, possam os deuses que moram no Olimpo permitir que tomeis a cidade de Príamo e que regresseis sem percalços à vossa pátria! Libertai, porém, minha amada filha, eu vos imploro, e respeitai Apolo, o arqueiro infalível, filho de Zeus!'

Todos os aqueus gritaram, dando o seu consentimento, para que se respeitasse o sacerdote e se aceitasse o valioso resgate, mas isso não agradou ao coração de Agamenon, filho de Atreu, que despediu rudemente o sacerdote, com palavras ásperas: 'Não quero ver-te mais aqui. Não fiques aqui e nem voltes, pois, do contrário, teu bastão e tuas guirlandas sagradas não te protegerão. Não a libertarei! Ela há de viver até a velhice, em nossa casa, em Argos, trabalhando na roça e compartilhando meu leito. Retira-te, não me irriteis, pois, do contrário, te arrependerás!'

Assim falou, e o velho amedrontou-se. Em silêncio, caminhou ao longo da praia do ressoante mar, e, chegando ao seu destino, ergueu muitas preces a Apolo, o louro filho de Latona: 'Ouvi-me, dono do arco de prata, que proteges Crises e és dono de Cila, Senhor de Tenedos, simitiano! Se jamais ergui em tua honra um belo templo, se jamais queimei para ti gordas postas de touros ou de bodes, concede-me esta graça: faze com que os gregos me paguem por minhas lágrimas sob as tuas setas!'

Febo Apolo ouviu sua prece. Desceu do Olimpo, com a ira no coração, carregando o arco e a aljava. As setas retiniam em seus ombros, enquanto o irado deus movia-se, negro como a noite. Firmou os pés a pequena distância dos navios e disparou uma seta. Terrível foi o zunido de seu arco de prata. Primeiro, ele atacou as mulas e os velozes cães, depois disparou suas penetrantes setas contra os homens, e nenhuma errou o alvo. As piras dos mortos começaram a arder, incessantemente.

Durante nove dias, as setas do deus caíram sobre o acampamento. No décimo dia, Aquiles convocou as hostes para uma reunião. A deusa Hera, dos alvos braços, pusera essa idéia em seu coração, pois se apiedava de ver os gregos morrerem. Quando se reuniram, Aquiles dirigiu-lhes a palavra: 'Filho de Atreu, creio que seremos rejeitados e fugiremos para a Pátria, se conseguirmos escapar da morte, já que a peste se alia à guerra contra nós. Indaguemos de algum profeta, sacerdote ou decifrador de sonhos (pois os sonhos também vêm de Zeus) que possa nos dizer por que Febo Apolo tão irado se encontra, se acha que faltamos a algum voto ou sacrifício, ou se está querendo receber a gordura de carneiros ou de bodes sem mancha para que se afaste de nós esta praga.'

Disse estas palavras e sentou-se. Levantou-se, então, Calchas, filho de Testor, o melhor de todos os intérpretes de sonhos, que sabia as coisas do presente, do passado e do futuro e que guiara os navios dos aqueus até Ílion, graças ao poder de previsão que Febo Apolo lhe dera. De pensamento puro e sensato, assim falou: 'Aquiles, caro de Zeus, queres que eu explique a ira de Apolo, o arqueiro infalível. Falarei, portanto. Atenta para o que eu disser e jura-me lealmente proteger-me com o braço e com a palavra, pois penso que irei provocar a ira do homem poderoso que governa todos os argivos e a quem os aqueus obedecem, pois um rei, em sua ira, é mais perigoso que um homem comum. Mesmo quando ele guarda a ira durante um dia em seu coração, poderá satisfazê-la. Dize-me se me protegerás.'

Aquiles, o de pés ligeiros, respondeu-lhe: 'Nada receies e dize as profecias que sabes. Por Apolo, caro Zeus, a quem diriges tuas preces, ó Calchas, quando revelares aos gregos os oráculos dos deuses, nenhum deles levantará a mão contra ti nessa frota, enquanto eu viver e olhar sobre a terra, nem mesmo se nomeares Agamenon, que se proclama o primeiro de nós todos.'

O impoluto adivinho encorajou-se, então, e disse: 'Ele não encontra falta em nós por voto ou sacrifício, mas por causa de seu sacerdote, a quem Agamenon ultrajou, ao deixar de aceitar o resgate e libertar sua filha. Por sua causa, o arqueiro infalível nos mandou e nos mandará atribulações. E não afastará a terrível peste de nosso povo enquanto não devolvermos a seu pai a donzela de olhos brilhantes, sem preço ou resgate, e fizermos a Crises uma oferenda sagrada. Então, poderemos apaziguá-lo e convencê-lo.'

Ditas essas palavras sentou-se. Então, ergueu-se, furioso, diante deles, o heróico filho de Atreu, o poderoso Agamenon; tinha o negro coração repleto de ira e seus olhos flamejavam como o fogo. Dirigiu-se, primeiro, a Calchas, com um olhar sombrio: 'Profeta do mal, jamais tiveste uma boa palavra para mim. Sempre te deleitaste em profetizar o mal, nada de bom disseste ou fizeste. Agora, profetizando entre os gregos, afirmas que é por aquele motivo que o arqueiro infalível lança a maldição sobre eles: porque me recuso a receber um magnífico resgate pela donzela filha de Crises, pois é meu desejo conservá-la em minha casa. Prefiro-a, na verdade a Clitemnestra, minha esposa legítima, pois não é inferior a ela, nem pela forma, nem pela estatura, nem pelo espírito e pela habilidade para trabalhar. No entanto, mesmo assim estou disposto a devolvê-la, se for necessário. Prefiro que os homens se salvem a que morram. Preparai, contudo, sem demora, uma presa para mim, ou, ao contrário, serei no exército o único homem entre os argivos sem uma presa de guerra. Olhai, vós todos, a minha vai para longe.'

Aquiles, o de pés velozes, semelhante a um deus, retrucou: 'Mui nobre filho de Atreu, mais ambicioso dos homens, como podem os corajosos aqueus te darem uma presa? Não sabemos de grande acúmulo de bens comuns: o que tomamos no saque das cidades foi dividido e não é lícito que os homens o ajuntem de novo. Entrega-a agora ao deus: então nós, os aqueus, te pagaremos três a quatro vezes mais, se Zeus jamais nos permitir o saque de Tróia das altas muralhas.'

O poderoso Agamenon respondeu-lhe: 'Não busques em teu coração enganar-me, por mais bravo que sejas, Aquiles, semelhante a um deus, pois não terás artimanhas que me persuadam. É teu desejo o de conservares tua presa de guerra, e que eu, ao mesmo tempo, entregue a minha, e queres que eu a devolva? Contudo, se os corajosos aqueus derem-me uma presa de guerra que satisfaça meu coração, uma presa que me sirva... mas não darão, então eu próprio tomarei uma presa de ti, ou de Ajax, ou de Ulisses, e a levarei comigo. E irado ficará, então, aquele a quem eu me dirigir. Pensaremos nisso mais tarde, porém. Lancemos, agora, um negro navio sobre o mar brilhante, e tripulemo-no, sem demora, com remadores, e coloquemos uma oferenda, e levemos para bordo a bela Criseis em pessoa. Que um guerreiro participante do conselho seu seja comandante, Ajax, ou Idomeneu, ou Ulisses semelhante a um deus, ou tu, filho de Peleu, mais terrível dos homens, para que possas oferecer sacrifícios e apaziguar por nós o Guardião.'

Aquiles, o dos pés ligeiros, olhou-o com desdém e replicou: 'Homem voraz, vestido de vergonha, como irá qualquer um dos aqueus obedecer de boa-vontade tuas ordens, quer partindo para uma viagem, quer lutando valentemente contra outros homens? Não vim aqui para lutar contra os lanceiros troianos, que, aos meus olhos, não eram, de modo algum, culpados. Jamais tinham eles roubado meus bois ou meus cavalos, jamais haviam devastado as plantações na fértil Ftia, a nutriz dos homens, eis que se estendem entre nós muitas montanhas sombrias e o ressonante mar. Não, foi a ti, homem desavergonhado, foi a ti que seguimos até aqui, para nos vingarmos dos troianos, por causa de Menelau e por tua causa, cara de cão! Jamais, porém, levas em consideração tais coisas. Chegas, mesmo, a ameaçar tomar-me tu mesmo a minha presa de guerra, a presa pela qual tanto labutei e que os filhos dos aqueus me deram. Jamais ganho uma presa igual à tua, quando os aqueus saqueiam alguma bela cidade dos troianos. Minhas mãos sustentam os pesados encargos da furiosa guerra; no entanto, quando se faz a divisão dos despojos, tua presença é sempre a maior e eu regresso ao navio com pouca coisa, mas que bem mereço, para retemperar-me das fadigas. Agora, irei para Ftia, pois é muito preferível voltar à Pátria nos recurvados navios, e não tenciono aqui ficar, sem honras, acumulando riquezas para ti.'

Então Agamenon, rei dos homens, replicou: 'Foge, se teu coração a isso te impele: não te implorarei para ficar comigo. Tenho outros para me honrar: acima de todos, Zeus, o conselheiro. És para mim o mais odioso dos homens nutridos por Zeus, pois só cuidas de lutas, guerras e batalhas. Se és muito forte, certamente foi um deus que assim te fez. Volta para a Pátria, com os teus navios e os teus companheiros, e reina sobre os mirmidões: não me preocupo contigo nem receio tua ira. Uma advertência te faço: como Febo Apolo me arrebatou Criseis, eu a enviarei em meu navio, com meus companheiros, mas levarei eu mesmo para a minha tenda a tua presa de guerra, a linda Briseis, a fim de que fiques sabendo quanto sou melhor do que tu, e que nenhum homem pode falar-me como igual e encarar-me face a face!'

Fonte: HOMERO. **A Ilíada (em forma de narrativa)**. Trad. e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. (Clássicos de bolso) p.9-12.

HESÍODO: **Os trabalhos e os dias** (excerto: 5-10 e 110-201)

*Hesíodo viveu provavelmente no final do século VIII ou inícios do século VII a.C. e é autor da **Teogonia** (poema em que trata da organização do mundo dos deuses) e de **Os trabalhos e os dias** (poema que escreveu para seu irmão Perses, com quem então vivia um litígio envolvendo a herança paterna, e que aborda a organização do mundo dos homens).*

"Invocação

Musas Piérias que glórias com vossos cantos,
vinde! Dizei Zeus vosso pai hineando.
Por ele mortais igualmente desafamados e afamados,
notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.
Pois fácil torna forte e fácil o forte enfraquece,
fácil o brilhante escurece e o obscuro abrilhanta,
fácil o oblíquo apruma e o arrogante verga
Zeus altissonante que altíssimos palácios habita.
Ouve, vê, compreende e com justiça endireita sentenças.
Tu! Eu a Perses verdades quero contar.
[...]

As cinco raças

Raça de Ouro -

Se queres, com outra estória esta encimarei;
bem e sabiamente lança-a em teu peito!
[Como da mesma origem nasceram deuses e homens.]
Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados,
morriam como por sono tomados; todos os bens eram
para eles: espontânea a terra nutriz fruto
trazia abundante e generoso a eles, contentes,
tranqüilos nutriam-se de seus pródigos bens.
Mas depois que a terra a esta raça cobriu
eles são, por desígnios do poderoso Zeus, gênios
corajosos, ctônicos, curadores dos homens mortais.
[Eles então vigiam decisões e obras más,
vestidos de ar vagam onipresentes pela terra.]
E dão riquezas: foi este o seu privilégio real.

Raça de Prata -

Então uma segunda raça bem inferior criaram,
argêntea, os que detêm olímpia morada;
à áurea, nem por talhe nem por espírito, semelhante;
mas por cem anos filho junto à mãe cuidadosa
crescia, menino grande, em sua casa brincando,
e quando cresciam e atingiam o limiar da adolescência
pouco tempo viviam padecendo horríveis dores
por insensatez; pois louco Excesso [*Hýbris*] não podiam
conter em si, nem aos imortais queriam servir
nem sacrificar aos venturosos em sagradas aras,

lei entre os homens segundo o costume. Então Zeus Cronida encolerizado os escondeu porque honra não davam aos ditosos deuses que o Olimpo detêm. Depois também esta raça sob a terra ele ocultou e são chamados hipocônicos, venturosos pelos mortais, segundos, mas ainda assim honra os acompanha.

Raça de Bronze -

E Zeus pai, terceira, outra raça de homens mortais brônzea criou em nada se assemelhando à argêntea; era do freixo, terrível e forte, e lhe importavam de Ares obras gementes e violências; nenhum trigo eles comiam e de aço tinham resistente o coração; inacessíveis: grande sua força e braços invencíveis dos ombros nasciam sobre as robustas partes. Deles, brônzeas as armas e brônzeas as casas, com bronze trabalhavam: negro ferro não havia. E por suas próprias mãos tendo sucumbido desceram ao úmido palácio do gélido Hades; anônimos; a morte, por assombrosos que fossem, pegou-os negra. Deixaram, do sol, a luz brilhante.

Raça dos Heróis -

Mas depois também a esta raça a terra cobriu, de novo ainda outra, quarta, sobre fecunda terra Zeus Cronida fez mais justa e mais corajosa, raça divina de homens heróis e são chamados semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim. A estes a guerra má e o grito temível da tribo a uns, na terra Cadméia, sob Tebas de Sete Portas, fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo, e a outros, embarcados para além do grande mar abissal a Tróia levaram por causa de Helena de belos cabelos, ali certamente remate de morte os envolveu todos e longe dos humanos dando-lhes sustento e morada Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou. E são eles que habitam de coração tranqüilo a Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo, heróis afortunados, a quem doce fruto traz três vezes ao ano a terra nutriz.

Raça de Ferro -

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça, mais cedo tivesse morrido ou nascido depois. Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia cessarão de labutar e penar e nem à noite de se destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão. Entretanto a esses males bens estarão misturados. Também esta raça de homens mortais Zeus destruirá, no momento em que nascerem com têmeoras encanecidas. Nem pai a filhos se assemelhará, nem filhos a pai; nem hóspedes a hospedeiro ou companheiro a companheiro, e nem irmão a irmão caro será, como já havia sido; vão desonrar os pais tão logo estes envelheçam e vão censurá-los, com duras palavras insultando-os;

cruéis; sem conhecer o olhar dos deuses e sem poder retribuir aos velhos pais os alimentos;
[com a lei nas mãos, um do outro saqueará a cidade]
graça alguma haverá a quem jura bem, nem ao justo nem ao bom; honrar-se-á muito mais ao malfeitor e ao homem desmedido; com justiça na mão, respeito não haverá; o covarde ao mais viril lesará com tortas palavras falando e sobre elas jurará.
A todos os homens miseráveis a inveja acompanhará, ela, malsonante, malevolente, maliciosa ao olhar.
Então, ao Olimpo, da terra de amplos caminhos, com os belos corpos envoltos em alvos véus, à tribo dos imortais irão, abandonando os homens, Respeito e Retribuição; e tristes pesares vão deixar aos homens mortais. Contra o mal força não haverá! "

Fonte: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias (primeira parte)**. Introd., trad. e coment. Mary de Camargo Neves Lafer. 3 ed. S.Paulo: Iluminuras, 1996. p.31-37.

Unidade 3: História, Mito e Memória na Antigüidade Clássica

HERÓDOTO: **Histórias** (I, 1-5)

Heródoto (aproximadamente 484-425 a.C.) nasceu em Halicarnasso e é tradicionalmente conhecido como o "pai da História". Acredita-se que tenha sido exilado de Halicarnasso por volta de 457 a.C.; a partir dessa época, teria viajado pela Ásia Menor, Egito e Grécia. Fixou-se em Atenas em 447 a.C. e, em 443 a.C., na colônia de Túrio (ou Turioi), sul da Itália.

"Esta a exposição da investigação de Heródoto de Túrio, para que nem os acontecimentos provocados pelos homens, com o tempo, sejam apagados, nem as obras grandes e admiráveis, trazidas à luz tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, se tornem sem fama — e, no mais, investigação também da causa pela qual fizeram guerra uns contra os outros.

1. Dentre os persas, dizem agora os sábios que foram os fenícios a causa do diferendo: pois estes, vindo do mar chamado Vermelho para este mar e passando a habitar esta região que ainda agora habitam, logo dedicaram-se a grandes navegações e, transportando cargas egípcias e assírias, abordaram em outras regiões, particularmente em Argos. Naquele tempo, Argos ultrapassava todas as regiões da hoje chamada Grécia. Chegando então os fenícios a Argos, põem-se a vender a carga. No quinto ou sexto dia após sua chegada, quase tudo já tendo sido vendido, foram à beira do mar diversas e muitas mulheres — e também a filha do rei. O seu nome era, conforme o que dizem também os gregos, Ío, filha de Ínaco. Chegando junto à proa do navio, elas compravam, da carga, o que mais desejavam; então os fenícios, encorajando-se mutuamente, lançaram-se sobre elas. A maior parte das mulheres escapou, mas Ío, com outras, foi raptada. Embarcando no navio, foram embora, navegando para o Egito.

2. Assim Ío chegou ao Egito, dizem os persas, não como dizem os gregos — e assim teve início a primeira das injustiças. Depois disso, dizem eles, alguns gregos (pois não sabem informar seus nomes), atracando em Tiro, na Fenícia, raptaram a filha do rei, Europa. Poderiam ser cretenses. Assim, ficaram elas por elas. Depois disso, os gregos foram causa da segunda injustiça. Navegando em ampla nau para Ea, na Cólquida, e atingindo o rio Fásis, ali, desincumbindo-se das outras coisas pelas quais tinham vindo, raptaram a filha do rei, Medéia. Tendo enviado o rei dos colcos um arauto à Grécia, para pedir justiça pelo rapto e pedir de volta a filha, responderam-lhe que, como os outros não

havia reparado sua injustiça pelo rapto de Ío, a argiva, não haveriam eles de oferecer nenhuma reparação agora.

3. E dizem que, na segunda geração subsequente, Alexandre, filho de Príamo, tendo ouvido falar disso, quis ter uma mulher da Grécia por rapto, sabendo que não haveria absolutamente de reparar sua injustiça, pois os gregos também não a haviam reparado. Assim, tendo raptado Helena, os gregos decidiram primeiro enviar mensageiros para pedi-la de volta e pedir justiça pelo rapto. Ouvindo isso, os outros contrapuseram-lhes o rapto de Medéia: não tendo eles então reparado a injustiça nem atendido ao que se reclamava, queriam agora obter justiça de outrem.

4. Assim, até então, havia apenas raptos mútuos, mas depois disso os gregos tornaram-se os grandes culpados: foram os primeiros que começaram por enviar uma expedição à Ásia, antes que outros à Europa. Ora, raptar mulheres eles consideram ser obra de homens injustos, mas empenhar-se em tomar satisfação pelas raptadas, coisa de tolos: não ter nenhuma preocupação com mulheres raptadas é próprio de gente sensata, pois é evidente que, se elas não quisessem, não o seriam. Eles, sem dúvida, os asiáticos, dizem os persas, não levaram absolutamente em conta as mulheres raptadas, enquanto os gregos, por causa de uma mulher lacedemônia, reuniram uma grande armada e, em seguida, indo para a Ásia, destruíram o poder de Príamo. A partir disso, sempre consideraram que o que é grego é seu inimigo. Pois reivindicam como seus a Ásia e os povos bárbaros que a habitam, enquanto consideram como algo distinto a Europa e o que é grego.

5. Assim dizem os persas que tudo aconteceu — e na tomada de Ílion encontram o princípio da hostilidade que têm para com os gregos. Sobre Ío, os fenícios não concordam com os persas no seguinte: dizem que não a conduziram ao Egito usando de rapto, mas que, em Argos, ela teve relações com o capitão do navio. Tão logo percebeu que estava grávida, ficou com medo de seus pais e partiu, por sua própria vontade, com os fenícios, para não ser descoberta.

Isso é o que tanto os persas quanto os fenícios dizem. Eu, sobre essas coisas, não irei dizer que aconteceram assim ou assado. Aquele que eu próprio sei ter sido o primeiro a começar as ações injustas contra os gregos [*Creso*], indicarei, e prosseguirei a seqüência da narrativa percorrendo por igual as pequenas e as grandes cidades dos homens. Pois a maioria das que antigamente eram grandes, tornaram-se pequenas; e as que, em meu tempo, eram grandes, antes eram pequenas. Sabendo, portanto, que a felicidade humana jamais permanece no mesmo ponto, recordarei igualmente ambos os tipos."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.43-47.

TUCÍDIDES: **História da Guerra do Peloponeso** (I, XXII)

Tucídides (aproximadamente 455-404 a.C.) tinha origem aristocrática, sendo sua família ligada à Trácia. Cresceu em Atenas. Foi estrategista, em 424 a.C., tendo sido responsabilizado pelo fracasso em deter o espartano Brásidas na tomada da cidade de Anfípolis, o que lhe valeu o exílio. Sua História da Guerra do Peloponeso é uma obra inacabada, cuja narrativa se interrompe no ano de 411 a.C.

"I. Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas, porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um e de outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto. 2. Esta comoção foi a maior para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se mesmo dizer, atingiu a maior parte da humanidade. De fato, os acontecimentos anteriores e os mais antigos ainda, dado o recuo do tempo, era-me impossível estabelecê-los com clareza, mas, pelos indícios, a partir dos quais, num exame de longo alcance,

cheguei a uma convicção, julgo que não foram importantes, nem quanto às guerras nem quanto ao mais. [...]

XXII. 2. E, quanto às ações que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível. 3. Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam sobre a simpatia por uma ou por outra parte ou segundo as lembranças que guardavam. 4. E para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, virem sua utilidade, será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento."

Fonte: TUCÍDIDES, **História da Guerra do Peloponeso**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.3 e p.31.

ARISTÓTELES: **Poética** (9, 1451 a 36 - b11)

Aristóteles (384-322a.C.) nasceu em Stagira, Macedônia. Aos 17 anos, foi para Atenas para estudar na Academia de Platão, lá permanecendo por 20 anos (primeiramente como estudante, depois como professor). Com a morte de Platão (347 d.C.), mudou-se para Assos, na Ásia Menor. Pouco tempo depois, transferiu-se para Pella, então capital da Macedônia, tornando-se tutor do futuro Alexandre, o Grande. Em 335 a.C. retornou a Atenas e estabeleceu sua própria escola. Transferiu-se para a Eubéia em 323 a.C., pouco antes de morrer.

"É claro, a partir do que foi dito, que não é obra do poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer — e o possível é conforme o verossímil ou o necessário. Portanto, o historiador e o poeta não diferem por falar em metros ou sem eles (pois as obras de Heródoto poderiam ser metrificadas e não seriam menos história com metro ou sem ele), mas diferem nisto: no dizer um o que aconteceu, o outro o que poderia acontecer. Por isso também a poesia é algo mais filosófico e mais sério que a história: pois a poesia diz sobretudo o que respeita ao geral, a história o que respeita ao particular. O que respeita ao geral é a quais homens acontece dizer ou fazer quais coisas conforme o verossímil ou o necessário — e é a isso que visa a poesia, mesmo atribuindo nomes às personagens; enquanto o que respeita ao particular é o que fez ou sofreu Alcibíades."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.107.

POLÍBIO: **Histórias**.

*Políbio (aproximadamente 210-130 a.C.) nasceu em Megalópolis, Arcádia, pertencendo a uma família de notáveis. Após a conquista da Macedônia pelos romanos, foi enviado a Roma como refém, ali permanecendo por 17 anos. Em Roma esteve próximo de Catão e da família de Cipião. Presenciou a tomada de Cartago, em 146 a.C. Retornou posteriormente à Grécia. Suas **Histórias** (ou História universal), comendo 40 livros, cobriram o período de 254 a 146 a.C.*

"(2, 56: 11-12) Os fins da história e da tragédia não são idênticos, mas contrários: nesta, é preciso, através de discursos absolutamente críveis, aturdir e fascinar os ouvintes no tempo presente; naquela, é preciso, através de ações e discursos verdadeiros, para todo o tempo, instruir e convencer quem deseja aprender. Isso porque, no primeiro caso, prevalece o crível, ainda que se trate de mentira, visando à ilusão dos espectadores; no segundo, o verdadeiro, visando ao proveito de quem gosta de aprender.

[...]

(12, 27-28) Pois nós temos, por natureza, como que dois instrumentos com os quais tudo aprendemos e investigamos, a audição e a vista, sendo muito mais verdadeira a vista, conforme Heráclito, pois os olhos são testemunhas mais exatas que os ouvidos. Timeu, dos dois caminhos, lançou-se pelo mais agradável, embora pior para a investigação. Com efeito, afastou-se completamente do que se transmite pela vista, trocando-o pelo transmitido pela audição: sendo esta como que bipartida, tomou a parte transmitida pelas obras dos memorialistas e deu as costas, indiferentemente, à parte que exige inquirição [...]. A razão dessa escolha pode-se facilmente entender: é que, através dos livros, muitas coisas podem ser investigadas sem risco e sem sofrimento, caso se tenha a intenção de abordar alguma cidade que disponha de um vasto registro de memórias ou de uma biblioteca nos arredores. Então, durante todo o tempo, basta ficar assentado para encontrar o que se busca e comparar as mancadadas dos historiadores precedentes, sem nenhum sofrimento. Ora, o conhecimento direto dos fatos exige certamente muita fadiga e despesas, mas importa muito, sendo a parte principal da história. Comprovam-no o que declaram os próprios historiadores: Éforo diferiria muito do que se pratica; e Teopompo diz que o melhor em matéria de guerra é quem se expôs ao maior número de perigos, assim como o mais capaz nos discursos é quem tomou parte em mais disputas políticas — acontecendo o mesmo com relação à medicina e à navegação. [...]

Com efeito, Platão diz que os assuntos humanos só irão bem quando os filósofos reinarem ou os reis filosofarem. Eu, de minha parte, diria que os assuntos da história só irão bem quando os homens de ação se ocuparem em escrever histórias — não incidentalmente como hoje, mas por julgarem que se trata do que há de mais necessário e de mais belo para eles, consagrando-se a isso, sem distração, enquanto durar sua vida — ou então quando os que se ocupam em escrever considerarem que a experiência tirada das próprias ações é necessária para a história. Antes disso, não terá fim a ignorância dos historiadores, dentre os quais se destaca Timeu: apesar de não demonstrar a mínima precaução, de ter passado a vida num único lugar, como estrangeiro, de ter como que deliberadamente recusado toda atividade nos domínios da ação guerreira e política, bem como todo sentimento pessoal que provém da viagem e da observação, não sei como pode ter a fama de encabeçar o pomposo cortejo dos historiadores."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.119-125.

CÍCERO: **Do Orador** (2, 62-64)

*Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) nasceu em Arpinum. Estudou direito, oratória, literatura e filosofia em Roma. Viajou pela Grécia e pela Ásia, onde continuou seus estudos. Retornou para Roma em 77 a.C., iniciando carreira política. Tornou-se senador em 74 a.C. e cônsul em 63 a.C.. Por divergências políticas, foi forçado a exilar-se em 58 a.C. Retornou a Roma em 50 a.C. Favorável ao restabelecimento da República, foi proscrito, morrendo assassinado. No diálogo **Do Orador**, escrito em 55 a.C., Cícero discute os conhecimentos que deveria possuir o orador, e estabelece relações entre a oratória e a história.*

"[Fala de Antônio, dirigindo-se a Catulo] Mas retorno ao assunto: não vedes a que ponto a história é função do orador? Não sei se a mais importante, pela riqueza e variedade do estilo. Nem a encontro em lugar algum especial contemplada pelos preceitos dos retores. É que estes se encontram, de fato, diante de nossos olhos. Com efeito, quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer algo falso? Em seguida, não ousar dizer algo que não seja verdadeiro? Que não haja, ao se escrever, qualquer suspeita de complacência? Nem o menor rancor? Evidentemente, esses fundamentos são conhecidos por todos, mas a própria construção repousa nos fatos e nas palavras: a inteligência dos fatos requer a ordem dos tempos e a descrição dos lugares. Pede também, já que em fatos importantes e dignos de memória se espera que haja primeiro deliberações, depois execução e em seguida resultados, que sobre as deliberações seja indicada qual é aquela que o autor aprova; sobre

os feitos, que se declare não só o que se fez ou se disse, mas também de qual modo; e, quando se fala, do resultado, que se desenvolvam todas as causas que se devem ao acaso, à sabedoria ou à temeridade — e não se fale só dos feitos dos próprios homens, mas, com relação aos que se distinguem pela reputação e pelo nome, também da vida e do caráter de cada um. Quanto à economia da linguagem, deve-se perseguir um gênero oratório difuso e arrastado, que flua regularmente com uma certa suavidade, sem essa aspereza própria ao tribunal e sem os aguilhões que as fórmulas têm no fórum. Para coisas tão importantes, vedes algum preceito que se possa encontrar nos tratados dos retores?"

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.151.

SALÚSTIO: **A Guerra de Jugurta** (capítulo 4)

Caio Salústio Crispo (86-35 a.C.) nasceu na Sabínia, em Amiterno. Foi tribuno da plebe em 52 a.C. Partidário de Júlio César, atuou no exército contra os pompeanos, tendo sido nomeado procônsul da província África Nova em 46 a.C. Retirou-se da vida pública após o assassinato de César (44 a.C.), passando a dedicar-se, até sua morte, a escrever e publicar monografias históricas.

"Dentre as outras atividades exercidas pelo espírito, em primeiro lugar é útil relatar os acontecimentos passados. Sobre a virtude de tal arte, não preciso deter-me, pois muitos já se referiram a isso e, também, para que não pensem que eu queira, por vaidade, ressaltar por demais o meu próprio trabalho e dedicação. Ainda mais, creio que, por ter decidido afastar-me da vida pública, alguns darão a pecha de inércia ao trabalho tão importante e útil ao qual me dedico. Certamente, fá-lo-ão aqueles que consideram sua maior tarefa curvar-se diante da plebe e obter suas boas graças, por meio do patrocínio de banquetes. Se estes examinassem, com maior cuidado, a época em que obtive magistraturas e quais homens não puderam obtê-las e, depois, que espécie de gente chegou ao Senado, sem dúvida concluiriam que minhas opiniões mudaram mais por mérito que por falta de iniciativa, e que há de vir mais benefício de meu ócio que das atividades dos outros para a República.

Muitas vezes, ouvi dizer que Quinto Máximo e Públio Cipião, além de outros homens ilustres de nossa pátria, costumavam afirmar que, ao contemplarem as imagens de cera de seus antepassados, sentiam um enorme estímulo em direção à virtude. É de se supor que nem a cera, nem os retratos, tivessem, em si mesmos, tanta força, mas que, ao contrário, o relato dos feitos passados fizesse crescer, no peito dos homens egrégios, esta chama que não se extinguiria senão ao igualarem sua virtude à fama e à glória daqueles. Por outro lado, com os costumes atuais, todos querem rivalizar com os antepassados, não em probidade e zelo, mas sim em riqueza e fausto. Também os homens novos, que outrora costumavam superar a nobreza pela virtude, esforçavam-se para obter comandos militares e honrarias, furtivamente e antes com violência que com honestidade, como se a pretura, o consulado e as outras magistraturas fossem ilustres e tivessem valor em si mesmas e não que sua virtude adviesse daqueles que as ocupam."

Fonte: FUNARI, Pedro Paulo A. **Antigüidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p.41-42.

PLUTARCO: "Sobre a malícia de Heródoto", **Moralia** (11, 857, 12-13)

*Plutarco (aproximadamente 46-120 d.C.), biógrafo e ensaísta grego, foi educado em Atenas; acredita-se que viajou pelo Egito e pela Itália, onde teria estudado filosofia (Roma). Foi sacerdote no templo de Delfos e, nos últimos anos de sua vida, participou do governo de Queroneia, sua cidade natal. Autor de **Moralia** (reunião de ensaios e diálogos) e **Vidas paralelas** (biografias de gregos e romanos famosos).*

"12. Heródoto é, também, tão filobárbaro que isenta Busíris da responsabilidade pelo sacrifício humano e pelo assassinato de estrangeiros. Testemunha a piedade e justiça absolutas de todos os egípcios e acusa, destes crimes, justamente os helenos. Seu relato, no segundo livro, diz que Menelau, tendo resgatado Helena de Proteu e recebendo ricos dons, comportou-se como o mais terrível criminoso. Impedido de zarpar por causa das intempéries, planejou um ato sacrílego, tomando dois rapazes nativos, oferecendo-os como vítimas de sacrifício. Para escapar do ódio levantado contra si, fugiu de seus atacantes viajando para a Líbia.' Não sei que egípcio possa ter-lhe contado tal estória, mas, na verdade, está em contradição com as grandes honras prestadas, ainda hoje, no Egito, tanto a Helena quanto a Menelau.

13. Continua nessa linha, afirmando que os persas aprenderam a pederastia dos gregos. Mas, como é possível que os persas tenham aprendido esta prática sexual dos gregos quando todos admitem que castravam meninos muito antes de chegar ao Mar Helênico? Afirma que os gregos aprenderam a realizar procissões e cerimônias religiosas com os egípcios, bem como a adoração dos Doze Deuses. O próprio nome Dionisos, diz, foi aprendido dos egípcios por Melampo, tendo este ensinado aos outros helenos. Também os mistérios e rituais secretos ligados a Deméter foram trazidos do Egito pelas filhas de Danaus. Diz que os egípcios batem nos peitos e lamentam, mas não diz o nome do Deus que invocam pois 'não quebrará o silêncio nas coisas sagradas'. Contudo, quando trata de Hércules e Dioniso não tem nenhuma restrição desse tipo. Apresenta Hércules e Dioniso, adorados pelos egípcios, como deuses antigos, enquanto seus homólogos helenos seriam apenas homens que envelheceram como humanos. Diz, entretanto, que o Hércules egípcio fazia parte do segundo grupo de deuses e Dioniso do terceiro, de forma que tinham um início de sua existência e não teriam existido desde sempre. Mesmo nessas circunstâncias, considera-os deuses, enquanto aos outros considera mais apropriado 'fazer oferendas', como se faz com mortais tornados heróis, do que 'sacrificar' como se faz com os deuses. Disse o mesmo sobre Pan, usando relatos egípcios sem nexo para pôr abaixo as verdades mais solenes e sagradas da religião grega."

Fonte: FUNARI, Pedro Paulo A. **Antigüidade clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p.44-45.

FLÁVIO JOSEFO: **Contra Ápio** (2, 4-8)

*José Ben Matias (37-100), judeu, chegou a lutar contra os romanos mas posteriormente aderiu a eles, tornando-se, como cidadão romano, Titus Flávius Josephus. Escreveu, entre outras obras, **Guerra dos Judeus, Antigüidades Judaicas e Contra Ápio** (esta última contestando as críticas de Ápio aos judeus e ao judaísmo).*

"Com efeito, descobri que tudo entre os gregos é novo, pode-se dizer que de ontem ou anteontem: refiro-me à fundação das cidades, à invenção das artes e à redação das leis. Mas provavelmente a mais nova de todas as coisas, entre eles, é a preocupação em escrever a história. Sem dúvida, entre os egípcios, os caldeus e os fenícios — deixo agora de incluir-nos [*aos judeus*] entre esses — os próprios gregos costumam concordar que há uma transmissão da memória muito antiga e muito estável. É que todos estes povos habitam regiões menos submetidas a destruições causadas por fenômenos naturais, bem como tiveram muito cuidado em não deixar exposto ao esquecimento nada do que se deu entre eles, consagrando-o sempre, pelo contrário, em registros oficiais redigidos pelos mais sábios. Já a região da Grécia suportou inúmeras destruições que apagavam a memória dos acontecimentos e, instituindo sempre novos modos de vida, acreditava cada um que o seu próprio começo era o começo de tudo, pois foi tardia e dificilmente que conheceram a escrita. [...]

[...] Assim, como não é absurdo que os gregos arroguem serem os únicos a conhecer a Antigüidade e a transmitir com exatidão a verdade sobre ela? Ou quem não aprenderia facilmente, com seus próprios historiadores, que eles não escreveram nada que soubessem com certeza, mas cada um fazia conjecturas sobre os fatos? Ainda por cima, refutam-se uns aos outros em seus livros e não hesitam em dizer o mais contraditório sobre as mesmas coisas. [...]

[...] Com efeito, desde o princípio, entre os gregos, não se fez nenhum esforço para haver registros oficiais sobre tudo o que se passava em cada ocasião — o que autorizou o erro e a possibilidade de mentir para os que depois quiseram escrever sobre a Antigüidade. [...]

Uma vez que nenhum registro foi feito com antecedência, capaz de instruir os que queriam aprender e refutar os mentirosos, surgiu essa grande discordância entre os historiadores. Mas, é preciso estabelecer uma segunda causa além dessa, a saber: os que se puseram a escrever não se esforçaram em atingir a verdade — mesmo que sempre tivessem na ponta da língua essa proclamação! —, mas queriam antes exibir sua capacidade verbal e, visando a ultrapassar o renome dos outros, adaptavam-se a tudo, voltando-se uns para a narração de mitos e os outros, por complacência, para o elogio das cidades ou dos reis. Outros ainda apressaram-se a acusar as ações ou os escritores, crendo haver de adquirir fama com isso. Em suma, cumprem o que é mais contrário à história; pois a demonstração da história verdadeira está em que todos, sobre as mesmas coisas, digam e escrevam a mesma coisa — e eles, se escrevem o mesmo de modo diferente, crêem que então parecem mais verdadeiros que todos! Assim, com relação às palavras e ao talento nesse domínio, devemos ceder o lugar aos historiadores gregos, mas não seguramente com relação à história verdadeira da Antigüidade — e sobretudo não com relação à história nacional de cada um.

Que foi pois entre os egípcios e os babilônios, tão longe se remonte no tempo, que houve preocupação com os registros — já que, entre os primeiros, os sacerdotes estavam encarregados deles e sobre eles filosofavam, assim como os caldeus, entre os babilônios, e que, principalmente, dentre os que tiveram relações com os gregos, foram os fenícios que empregaram a escrita tanto para a organização de sua vida, quanto para transmitir os feitos da comunidade, já que todos o admitem — creio que se deve concordar. Sobre os nossos ancestrais [*judeus*], como tiveram para com os registros a mesma atenção (deixo de dizer se foi ainda maior que a dos antes citados), atribuindo-os aos sumos sacerdotes e aos profetas, e como até nossos tempos, foram eles guardados com muita exatidão, e, ousou mesmo dizer, continuarão a ser guardados, tentarei ensinar sucintamente.

De fato, não somente, desde o princípio, incumbiram-se disso os mais nobres, que também prestavam serviço ao culto de Deus, como também tomaram-se precauções para que a estirpe dos sacerdotes permanecesse sem mistura e pura. Pois, quem participa do sacerdócio deve ter filhos de mulher da mesma tribo, sem reparar na riqueza nem nas demais honrarias, examinando antes sua estirpe, levantando sua ascendência nos arquivos e apresentando muitas testemunhas. [...] Eis a maior prova de exatidão: entre nós, os sumos sacerdotes, desde dois mil anos, encontram-se nomeados nos registros, de pai a filho. Aos que transgridem qualquer das coisas que foram referidas, fica interdito aproximar-se dos altares e participar das outras cerimônias.

Assim, naturalmente, ou melhor, necessariamente — já que todos não são livres para escrever e nenhuma discordância existe no que está escrito, mas só os profetas, de um lado, por inspiração de Deus, conheceram o que há de mais remoto e mais antigo, e, por outro, escreveram de modo claro o que aconteceu em sua própria época — não temos milhares de livros discordantes e contraditórios, mas só vinte e dois livros que contêm o registro da totalidade do tempo, nos quais, com justiça, se acredita. [...]

Na prática, é evidente como nós lidamos com nossos escritos: pois, transcorrido já tanto tempo, ninguém ousou acrescentar, suprimir ou mudar nada neles, mas é inato em todo judeu, desde seu nascimento, crer que são os decretos de Deus, ser-lhes fiel e, se necessário, morrer por eles com prazer. Assim, já se viram, muitas vezes, numerosos prisioneiros suportarem tortura e toda espécie de morte, nos anfiteatros, para não proferir nenhuma palavra contra as leis e os registros que as acompanham.

Que grego suportaria isso por seus livros? Mesmo se fosse para não deixar desaparecer todos os seus escritos, ninguém suportaria qualquer dano, pois crêem que são só palavras dispersas conforme o desejo dos escritores."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.241- 249.

LUCIANO: **Como se deve escrever a história** (41, 44-45, 47, 49-50, 61)

*Luciano de Samósata (aproximadamente 119-175), de origem síria, não era historiador. Sofista, proferiu conferências e escreveu tratados — caso de **Como se deve escrever a história**, que veio a público em 165 d.C.*

"Portanto, assim deve ser para mim o historiador [*syngrapheús*]: sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico, alguém que chame os figos de figos e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos até o ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros, apátrida, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará esse ou aquele, mas dizendo o que se passou.

[...] Com efeito, do mesmo modo que admitimos que o historiador deve ter como objetivos a franqueza e a verdade, assim também o primeiro e único objetivo de sua linguagem é explicar claramente os fatos e fazê-los aparecer em plena luz, sem empregar termos impenetráveis e fora do comum (tampouco esses termos que se usam em feiras e botequins), mas tais que a maioria compreenda e os cultos elogiem. Que a história seja também ornada de figuras sem peso e que não pareçam artificiais, já que estas tornam o estilo semelhante às sopas muito temperadas.

Que o pensamento tenha algo de comum e alguma relação com a poesia, na medida em que esta é elevada e grandiosa, sobretudo quando se mete em combates, batalhas em terra e no mar: então, será necessário algum sopro poético para inflar as velas com bons ventos e elevar a nau sobre a crista das ondas. Mas que sua expressão caminhe com os pés no chão, elevando-se até a beleza e a grandeza do que se diz e adequando-se a cada coisa o máximo possível, sem tornar-se estranha, nem exaltar-se mais do que é oportuno. Pois o maior perigo que ela corre é enlouquecer-se e cair no delírio poético, de sorte que, nesse momento, deve obedecer ao freio e ser sensata, sabendo que também nos discursos a altivez do cavalo não é uma doença desprezível. Assim, é melhor que a expressão acompanhe a pé o pensamento que vai a cavalo e se mantenha na sela para não perder o curso.

[...] Quanto aos próprios fatos, não se devem ajuntar ao acaso, mas é preciso, ao preço de mil penas e sofrimentos, comprová-los e, sobretudo se são atuais, presenciá-los. Caso isso não seja possível, deve-se confiar em que [o historiador] os expõe com mais integridade, [como] aquelas pessoas que parecem que não amputariam ou acrescentariam algo aos acontecimentos por compaixão ou hostilidade. Então, deve-se ser também hábil para visar e dispor o que é mais convincente.

[...] Que [o historiador] se esforce para abordar tudo, que seja sincrônico tanto quanto possível, voe da Armênia à Média e, de lá, de súbito, à Ibéria, e logo à Itália, para não perder nenhuma oportunidade.

Sobretudo, que seu pensamento se torne semelhante a um espelho impoluto, brilhante, preciso quanto a seu centro — e, qualquer que seja a forma dos fatos que recebe, assim os mostre, sem nenhuma distorção, diferença de cor ou alteração de aspecto. Com efeito, os historiadores não escrevem como os oradores, já que o que há de ser dito existe e será dito, pois já aconteceu, bastando ordená-lo e dizê-lo. Desse modo, não devem buscar o que dizer, mas como dizê-lo. Em suma, é preciso considerar que quem escreve a história deve assemelhar-se a um Fídias, um Praxíteles, um Alcâmenes ou outro artista desse tipo, já que nenhum deles criou o ouro, a prata, o marfim ou algum outro material, que, pelo contrário, já existia e estava disponível, tendo-lhes sido fornecido pelos eleus, atenienses ou argivos. Eles apenas moldavam, cortavam o marfim, poliam, colavam, ajustava e ornavam com outro — sendo esta a sua arte: tratar a matéria como se deve.

[...] Em resumo, lembra-te disso, eu te peço — pois di-lo-ei freqüentemente — e não escrevas olhando só para o presente, para que os contemporâneos te elogiem e honrem. Pelo contrário, tem em vista o conjunto do tempo, escreve sobretudo para a posteridade e pede a ela a recompensa por tua obra, de modo que se diga de ti: 'Aquele era seguramente um homem livre e totalmente franco, nada bajulador, nada de servil, mas verdadeiro em tudo'. Isso, caso alguém seja sensato, é o que deveria ser posto acima de todas as esperanças presentes, já que são efêmeras."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.225-231.

HISTORIADORES CRISTÃOS SOB O IMPÉRIO ROMANO

EUSÉBIO DE CESARÉIA: **História eclesiástica** (1, 1-4)

*Eusébio de Cesaréia (265-340) foi bispo de Cesaréia, na Palestina. Considerado o primeiro historiador cristão. Sua **História Eclesiástica** veio a público em 312 d.C.*

"A sucessão dos santos apóstolos, com os tempos cumpridos desde nosso Salvador até nós; quantas e quão importantes coisas se diz terem acontecido na história eclesiástica; quantos comandaram e presidiram brilhantemente as mais insignes dioceses; quantos, em cada geração, sem escrever ou também por escrito, foram embaixadores da palavra divina; quais e quantos, em determinada época, levados aos últimos erros pelo desejo de inovação, se proclamaram introdutores da falsamente chamada gnose, como lobos cruéis assaltando sem compaixão o rebanho de Cristo; por outra parte na seqüência, também o complô contra nosso Salvador que imediatamente atingiu toda a nação dos judeus; a quantas guerras, de que natureza e em que tempo a palavra divina foi submetida pelos gentios; quão grandes homens, de acordo com a ocasião, assumiram para si o combate, através de sangue e torturas; os testemunhos sobre isso em nossos próprios dias e a assistência de nosso Salvador, dada a todos com favor e benevolência — tudo isso decidi transmitir por escrito, não começando por outro ponto que pela economia inicial de nosso Salvador e Senhor, Jesus o ungido de Deus. Mas, desde agora, o assunto requer a indulgência dos sábios, por reconhecer eu que ultrapassa minhas forças cumprir a promessa de modo completo e sem falhas, já que, sendo o primeiro a avançar por este assunto, sigo por um caminho deserto e intacto, suplicando que Deus seja meu guia e me auxilie o poder do Senhor, pois, seguramente, não é mesmo possível encontrar quaisquer pegadas de homens que me tivessem precedido, salvo pequenos ensinamentos pelos quais cada um, à sua maneira, nos deixou, narrativas parciais dos tempos que percorreram, levantando de longe, como tochas, suas vozes — gritando de algum lugar elevado, visível de longe, uma sorte de atalaia, e recomendando por onde se deve caminhar e conduzir o percurso do relato sem erro e sem perigo. Assim, dentre o que foi fragmentariamente recordado por aqueles, escolherei tudo o que considero proveitoso para o assunto proposto, e, como num prado de palavras, colherei as ponderadas declarações dos antigos escritores; em seguida, usando o tipo de narrativa próprio da história, tentarei fazer com elas um corpo, considerando-me feliz se puder preservar as sucessões, senão de todos, pelo menos dos mais ilustres apóstolos de nosso Salvador, em cada uma das mais brilhantes igrejas de que ainda hoje há memória."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.255-257.

SÃO JERÔNIMO: **Os Varões ilustres** ("Jerônimo a Dextro")

São Jerônimo (aproximadamente 347-420) nasceu em Stridon, na fronteira das províncias romanas da Dalmácia e da Panônia. Após estudos em Roma, rumou para o deserto, vivendo asceticamente. Em 379, foi ordenado padre. Passou alguns anos em Constantinopla e em 382 retornou a Roma, tornando-se secretário do papa Damasus I. Em 385 dirigiu-se à Terra Santa, fixando-se em Belém. Procurou dar continuidade à obra de Eusébio de Cesaréia. Ficou conhecido por realizar a tradução da Bíblia para o latim.

"Exortas-me, Dextro, a que, no seguimento de [Suetônio] Tranqüilo, eu apresente em ordem os escritores eclesiásticos e a que eu faça, para os nossos, o mesmo que ele ao enumerar os homens ilustres das letras pagãs, isto é, que eu te apresente brevemente aqueles que escreveram algo sobre as Santas Escrituras, desde a Paixão de Cristo até o décimo quarto ano do imperador Teodósio.

O mesmo fizeram, também, entre os gregos, o peripatético Ermipo, Antígono Carístio, o douto Sátiro e o músico Aristóxeno, sem contestação o mais douto de todos. Fizeram-no, entre os latinos, Varrão, Santra, Nepos, Higino e aquele a cujo exemplo me convidas, Tranqüilo.

Minhas condições, entretanto, não são iguais às deles. Com efeito, revolvendo as antigas histórias e os Anais, puderam eles tecer, como que de um rico prado, a pequena coroa de seu opúsculo. Que hei de fazer, eu que não segui a nenhum predecessor e só me tenho a mim por péssimo mestre, como se diz, embora Eusébio de Panfílio [de Cesaréia] me tenha sido de enorme valia nos dez livros de sua *História eclesiástica* e freqüentemente atestem essas vidas os volumes de cada um daqueles seus próprios autores, sobre quem escrevemos?

Assim sendo, peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que também eu possa atender dignamente à tua exortação, na enumeração dos escritores eclesiásticos, o que teu Cícero, sumidade da eloqüência romana, não desdenhou fazer no *Brutus* quando elaborou o catálogo dos oradores da língua latina.

Se, entretanto, eu omitir, neste volume, alguns daqueles que, até o presente momento, costumam escrever, devem eles imputá-lo a si mesmos mais que a mim, por esconderem seus escritos. Na verdade, não pude tomar conhecimento de coisas que não li, e o que talvez de outros seja conhecido pode ser que tenha ficado ignorado para mim nesse recanto do mundo.

Na verdade, quando se tiverem tornado ilustres por seus escritos, muito pouco reclamarão do prejuízo do nosso silêncio.

Saibam-no, portanto, Celso, Porfírio, Juliano, cães raivosos contra Cristo; aprendam-no seus sequazes, que julgam não ter a Igreja filósofos eloqüentes nem doutores, quão grandes e quais homens a fundaram, construíram e ornaram e, assim, deixem de argüir nossa fé de simplicidade rústica, e reconheçam, antes, sua própria incompetência."

Fonte: NOVAK, Maria da Glória, NERI, Maria Luíza, PETERLINI, Ariovaldo A. (orgs.). **Historiadores latinos:** antologia bilingüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.297-299.

SANTO AGOSTINHO: A Cidade de Deus

*Santo Agostinho (354-430) nasceu em Tagaste, na Numídia (norte da África). Converteu-se ao cristianismo por volta do ano de 386, foi ordenado em 391 e, em 395, tornou-se bispo de Hipona. Relata sua vida na obra **Confissões**; em **A Cidade de Deus**, escrita entre 412 e 426, formula uma espécie de filosofia da história do ponto de vista teológico.*

"(XV, 5) [...] E assim o primeiro fundador da cidade terrena foi fraticida, pois, vencido pela inveja, matou o próprio irmão, cidadão da cidade eterna que peregrinava aqui na terra. Daí, não deve espantar que, tanto tempo depois, na fundação da cidade que viria a ser a capital daquela cidade terrena de que falamos e que reinaria sobre tantas e tantas nações, tenha correspondido a esse primeiro exemplo (ou, como o chamam os gregos, *arkhetypos*) certa reprodução do paradigma. Pois lá também, como um poeta dos romanos rememora a mesma atrocidade, 'os muros nascentes embeberam-se em sangue fraterno' (Luc., *Phars.*, 1, 95).

Na verdade, assim se fundou Roma, no momento em que a história romana atesta o assassinato de Remo pelo irmão Rômulo: a diferença é que estes eram, ambos, cidadãos da cidade terrena. Ambos aspiravam à glória, com o estabelecimento da República romana, mas não poderiam ambos tê-la tão grande quanto teriam se um único existisse. Este único, na verdade, queria brilhar no comando e, de qualquer modo, menos comandaria se o seu poder fosse dividido por existir um colega. Logo, para

que um único tivesse o comando total, o sócio foi eliminado — e, com o crime, a cidade cresceu, mas para pior, porque com a inocência seria menor, mas melhor.

Por outro lado, aqueles irmãos, Caim e Abel, não possuíam, nenhum dos dois, semelhante desejo de vantagens terrenas: não invejou um ao outro porque o comando do que matasse o outro se faria mais restrito se ambos comandassem — Abel certamente não procurava o comando de uma cidade que era fundada pelo irmão —, mas um ao outro invejou por causa daquela diabólica inveja que faz os maus aos bons invejarem, e isto por nenhuma outra razão senão porque estes são bons, aqueles, maus.

Na verdade, permaneça o colega ou somem-se outros, de nenhum modo diminui a posse da bondade; antes, a bondade é uma posse que o amor individual dos sócios exerce tão mais largamente quanto mais fraternalmente. Enfim, não obterá essa posse o que não quiser partilhá-la, e tão mais ampla a encontrará quanto mais amplamente tiver podido amar o colega.

Portanto, aquilo que entre Remo e Rômulo se levantou mostra de que modo se divide contra si própria cidade terrena; por outro lado, aquilo que entre Caim e Abel se levantou demonstra as inimizades das duas cidades, a de Deus e a dos homens."

Fonte: NOVAK, Maria da Glória, NERI, Maria Luíza, PETERLINI, Ariovaldo A. (orgs.). **Historiadores latinos:** antologia bilíngüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.309-311.

"(XVIII, 54:2) Mas, enfim, concluíamos já este livro, em que não cessamos de expor e demonstrar, quanto nos pareceu suficiente, qual é a marcha das duas cidades, a celeste e a terrestre, mescladas do início ao fim: uma delas, a que é terrena, fez para si, como quis, deuses falsos, a partir de não importa onde e mesmo a partir de homens, para servi-los com sacrifícios; já a outra, que é celeste e peregrina nesta terra, não fez falsos deuses, mas foi feita pelo verdadeiro Deus, para que fosse ela mesma o verdadeiro sacrifício. Todas as duas, entretanto, desfrutam igualmente dos bens temporais ou são atingidas igualmente pelos males temporais, com fé diversa, esperança diversa, amor diverso, até que sejam separadas pelo Juízo Final e cada uma atinja seu fim que não tem fim."

Fonte: HARTOG, François (org.). **A História de Homero a Santo Agostinho.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.263.

PAULO ORÓSIO: **Sete livros de histórias contra os pagãos** (V, 2)

Paulo Orósio, clérigo espanhol que viveu no século V, destacou-se por procurar reinterpretar a história romana de uma perspectiva cristã.

"[...] Aos primeiros sinais de agitação social e de levantes, não importa de que natureza, fugi da Pátria, pois estava seguro do local onde ficar: onde estivessem a minha lei e a minha religião, aí está a minha pátria.

O agrado com que a África me recebeu foi proporcional à confiança com que a ela me acolhi. Agora essa África, repito, acolheu-me na paz e com simplicidade, no colo materno, na comunidade da lei. Dela se disse um dia, e com acerto: 'Recusam-nos o chão hospitaleiro, levantam-se gritos de guerra, e nos proíbem de fincar os pés na pátria primitiva'. Agora, além disso, ela abre o seio generoso para receber os companheiros de religião que comungam da sua paz, e ainda convida os já exaustos para acalentá-los.

A vastidão da parte oriental, a abundância da setentrional, a dispersão da meridional, as paragens muito amplas e seguras das grandes ilhas são minhas por direito e condição, pois me acerco de cristãos e romanos na qualidade de romano e cristão. Não temo os deuses do meu hospedeiro, não temo que sua religião me dê morte violenta, não estou num lugar que tenha de recear, onde o senhor

possa perpetrar o que bem queira e o visitante não possa mostrar o que lhe apeteça, onde vigore um direito de asilo que não se me aplique.

Foi o Deus único que, desejando ele próprio ser conhecido, instituiu esta unidade de reino e por todos é amado e respeitado.

As mesmas leis, sujeitas a um só Deus, vigoram em toda parte. Aonde quer que eu vá como desconhecido, não temo ataques inesperados como se estivesse indefeso. Entre romanos - como já disse - sou romano; entre cristãos, sou cristão; entre homens, sou homem. Às leis imploro o direito de ter uma pátria; à religião, uma consciência; à comunhão na humanidade, uma natureza. Uso temporariamente o mundo inteiro como pátria, pois a verdadeira Pátria é aquela que eu amo. E essa, no final das contas, não está na terra.

Nada perdi onde nada amei. E possuo por inteiro, quando aquele a quem amo está comigo, sobretudo porque ele é o mesmo para todos e de todos me faz conhecido e próximo. Não abandona o necessitado, porque dele é a posse plena da terra e ordenou que todos a compartilhassem.

São estes os bens dos nossos tempos - bens que os nossos antepassados não possuíram por inteiro, para tranqüilidade dos presentes, esperança dos vindouros ou refúgio comum. Foi por isso que nunca deixaram de fazer guerras, pois não tinham a liberdade de mudar de residência, mantendo-se em seus lugares. Assim, ou eram desgraçadamente chacinados, ou serviam vergonhosamente como escravos. Isto vai ser demonstrado com toda clareza e sem delongas, mediante a exposição ordenada dos próprios feitos dos antigos."

Fonte: NOVAK, Maria da Glória, NERI, Maria Luíza, PETERLINI, Ariovaldo A. (orgs.). **Historiadores latinos:** antologia bilingüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.329-331.

Unidade 4 - História, Mito e Memória na Cristandade Medieval

GEOFFREY DE MONMOUTH: **História dos Reis da Bretanha.**

*Geoffrey de Monmouth (aproximadamente 1100-54) é conhecido por sua **Historia Regum Britanniae** (História dos Reis da Bretanha), onde procura traçar as vidas dos reis britânicos, desde o "pai" mítico Brutus (ou Bruto), o Troiano, até Caedwalla (ou Cadvaladro), rei de Gales do Norte por volta de 625-34. Para escrever a obra, baseou-se nos cronistas britânicos Gildas e Nennius e em lendas populares, mas nela há certamente muito material ficcional. Seus relatos sobre o rei Arthur formaram a base para o ciclo arturiano na literatura. Geoffrey de Monmouth foi nomeado arqui-diácono de Llandaff por volta de 1140 e bispo de Saint Asaph em 1152.*

"A miúdo pensei em temas que poderiam ser objeto de um livro e, ao decidir-me pela história dos reis da Bretanha, maravilhei-me ao não encontrar nada — com exceção à menção que deles fazem Gildas e Beda em seus luminosos tratados — sobre os reis que haviam habitado a Bretanha antes da encarnação de Cristo, nem tampouco acerca de Artur e dos muitos outros que o sucederam depois da encarnação, e isso apesar de suas façanhas se fazerem dignas de lembrança eterna e serem celebradas, de memória e por escrito, por muitos povos diferentes.

Nestes pensamentos me encontrava quando Walter, arqui-diácono de Oxford, homem versado na arte da eloquência e nas histórias de outras nações, ter-me oferecido certo livro antiqüíssimo na língua bretã, que expunha, sem interrupção e por ordem, e em prosa muito cuidada, os feitos de todos os reis bretões, desde Bruto, o primeiro deles, até Cadvaladro, filho de Cadvalão. E deste modo, a seu pedido, em que pese que nunca antes havia cortado palavras floridas em jardins distantes, satisfeito

como estou de meu estilo rústico e de minha própria pluma, ocupei-me em verter aquele volume na língua latina. Pois, se inundasse a obra de frases exageradas, não conseguiria outra coisa que aborrecer meus leitores, ao obrigá-los a deter-se mais no significado das palavras que na compreensão dos objetivos de minha história.

Protege tu, Roberto, duque de Gloucester, esta minha pequena obra, a ti dedicada, para que assim, sob sua direção e conselho, possa ser corrigida e todos pensem, quando se publique, que foi o sal de tua Minerva que a salgou, e que as correções não procedem da mísera fonte de Geoffrey de Monmouth, senão de ti, a quem Henrique, ilustre rei dos Anglos, engendrou, a quem a Filosofia instruiu nas artes liberais, cujas inatas virtudes militares te puseram à frente de nossos exércitos; de ti, por quem, agora, em nossos dias, a ilha da Bretanha se felicita, dando-te carinho cordial, como se fosses em segundo Henrique.

Tu também, Galeran, conde de Meulan, a outra coluna do nosso reino, concede-me tua ajuda para que, sob a direção compartilhada de ambos, a edição de meu livro agora feita pública brilhe com uma luz mais bela. Pois a ti, que nasceste da estirpe daquele celeberrimo Carlos Magno, te recebeu em seu grêmio a mãe Filosofia, te ensinou as sutilezas das ciências e, depois, para que te distinguísseis nos exercícios militares, te levou aos acampamentos dos reis, onde, superando em valor a teus companheiros de armas, aprendeste a manifestar-te como terror de teus inimigos e como proteção dos teus, sob os auspícios paternos. Sendo, portanto, como sois, fiel proteção dos teus, a mim, teu poeta, e a este livro, nascido para tua diversão, recebe-nos sob tua tutela para que, recostado à sombra de uma árvore frondosa, possa eu fazer soar a flauta de minha Musa com um ritmo seguro e firme, inclusive na presença dos invejosos e malvados. [...]

Morto Uter Pendragon, os barões da Bretanha chegaram de distintas províncias à cidade de Silchester e sugeriram a Dubrício, arcebispo de Cidade das Legiões, que coroasse Artur, seu filho, como rei da ilha. A necessidade os levava a isso, pois os Saxões, inteirados do falecimento de Uter, chamaram seus compatriotas da Germânia e, liderados por Colgrin, ameaçavam exterminar os bretões. Haviam já submetido a parte da ilha que se estende desde o rio Humber até o mar de Caithness. Dubrício, lamentando as calamidades de sua pátria, convocou os bispos e pôs sobre Artur o diadema do reino.

Tinha então Artur quinze anos, e um valor e uma generosidade sem precedentes. Sua inata bondade havia lhe granjeado tanto favor aos olhos do povo que quase todos o amavam. Tão logo foi coroado, seguindo o costume, começou a distribuir presentes aos súditos. Foi tal a multidão de cavaleiros que acudiu à sua presença que se esgotaram os recursos. Mas todo aquele em quem se aliam de forma natural a liberalidade e a coragem, se em um momento dado se vê pressionado pela necessidade, não se verá incomodado por ela durante muito tempo.

Assim, Artur, em quem se encontravam a liberalidade e a coragem, resolveu atacar os Saxões, com ânimo de repartir as riquezas do inimigo entre seus camaradas. A própria justiça de sua causa o animava a isso, pois havia obtido por direito hereditário a soberania de toda a ilha. Reuniu, pois, a toda juventude do reino e marchou sobre Eboraco. Quando Colgrin soube, convocou seus Saxões, Pictos e Escotos e saiu ao seu encontro, com impressionante multidão, na direção do rio Duglas, onde teve lugar a batalha, sofrendo ambos os exércitos perdas numerosas. Ao fim, Artur foi vitorioso. [...]

Ao final desse período, ampliou seu séquito pessoal, convidando cavaleiros de grande mérito vindos de longínquas terras, e tanta cortesia reuniu em seu palácio que até os povos mais distantes queriam imitar os usos e costumes que ali imperavam. Assim estimulados, até os nobres de mais alto berço pensavam que nada valiam a menos que levassem as armas ou se vestissem como os cavaleiros de Artur."

Fonte: MONMOUTH, Geoffrey. **Historia de los reyes de Britania**. Madrid: Siruela, 1984. (Selección de lecturas medievales, 8). p.1-2, 145-146, 155.

CHRÉTIEN DE TROYES [SÉCULO XII]. **Perceval, ou o Romance do Graal.**

Chrétien de Troyes, poeta e trovador francês do século XII. Perceval, ou o Romance do Graal, é a versão literária mais antiga da lenda do Santo Graal. Além de narrativas sobre o rei Arthur e seus cavaleiros, Chrétien de Troyes também escreveu imitações do poeta latino Ovídio e a obra Guilherme da Inglaterra.

"Quem pouco semeia colhe pouco. Quem quiser bela messe lance o grão em terra tão boa que Deus lhe devolva duzentas vezes, pois em terra que nada vale a boa semente seca e definha.

Chrétien [de Troyes] faz aqui sementeira de um romance a que dá começo; e o semeia em tão bom lugar que sem proveito não pode ficar. Pois trabalha para o mais nobre que já existiu no império de Roma: o conde Filipe de Flandres, que vale mais do que Alexandre, de quem cantam louvores por toda parte. Mas Alexandre nem sequer se compara ao conde, que está livre de todas as fraquezas e de todos os vícios que existiam reunidos naquele rei.

[...]

Enquanto isso, tão bem cavalgava o galês que encontrou um carvoeiro levando um burro.

— Ensina-me o caminho para Cardwell — diz ele. — O rei Artur, que desejo encontrar, faz ali cavaleiros, segundo dizem.

— Esta trilha que aqui vês leva a um castelo bem assentado à beira do mar. Se lá chegares, meigo amigo, encontrarás o rei Artur jubiloso e triste.

— Dize: por que o rei está assim triste e jubiloso ao mesmo tempo?

— Vou dizer. O rei Artur com todo o seu exército combateu Rion, o rei das ilhas, que foi vencido. Eis por que o rei rejubila. Mas ao mesmo tempo está triste porque os companheiros o deixaram e partiram para seus castelos. O rei sente assim grande tristeza.

Dessas novas o rapaz pouco cuidava; tomou logo o caminho que o carvoeiro lhe mostrava. Sobre o mar viu um castelo, mui bem assentado e forte e belo. Dele saiu um cavaleiro bem armado, trazendo taça de ouro na mão direita. Com a mão esquerda segura a lança e as rédeas e seu escudo. Porta armadura vermelha que lhe assenta bem. Esta agrada muito ao rapaz, que diz consigo: 'Palavra de honra, vou pedir ao rei essa armadura bela e nova. Ao diabo quem procurar outra!'

Precipita-se rumo ao castelo que arde por alcançar. Encontra o cavaleiro segurando a taça. Este o retém um pouco para perguntar aonde vai.

— Vou até o rei — responde — para lhe pedir vossas armas.

— Vai então e retorna prontamente — diz o outro. — E, quando lá estiveres, repete mais uma vez ao mau rei que, se ele não quiser que eu tome sua terra, que a entregue ou a mande defender, pois proclamo que ela me pertence. E dirás: 'Sabei que o cavaleiro que vos desafia traz na mão a taça em que bebéis vosso vinho!'

Que esse cavaleiro procure outro para levar ao rei a mensagem! O rapaz não o fará. Ao invés, ruma depressa para a corte onde o rei e seus cavaleiros estavam todos sentados a comer. A sala era nivelada com o pátio, tão larga quanto longa, com piso de lajes. Ele entra a cavalo na sala e vê o rei Artur pensativo, sentado à cabeceira da mesa. [...]

O galês prontamente vai até ele e saúda como sabe fazer. Sempre pensativo, o rei não diz palavra, tampouco a uma segunda saudação.

— Por minha fé — diz então o rapaz —, jamais esse rei fez cavaleiro algum! Como poderia, se homem não consegue arrancar-lhe uma só palavra?

E, sem mais insistir, prepara-se para tornar a partir. Faz girar o cavalo, que está tão perto do rei que com o focinho derruba o chapéu real, podeis crer em mim. O rei ergue a cabeça, olha o rapaz. Lentamente sai de seus pensamentos.

— Caro irmão, sede bem-vindo! Não leveis a mal que eu não tenha respondido. O pior inimigo que tenho, o que mais me odeia, veio aqui para contestar meu reino. Assegura que se apossará dele, queira ou não. É o Cavaleiro Vermelho da floresta de Quinquerói. [...]"

Fonte: TROYES, Chrétien de. **Perceval ou o Romance do Graal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.25, 36-38.

